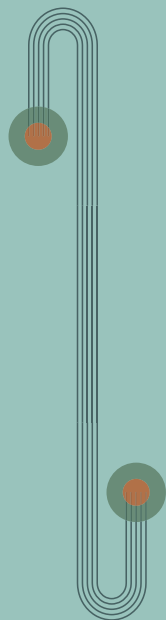


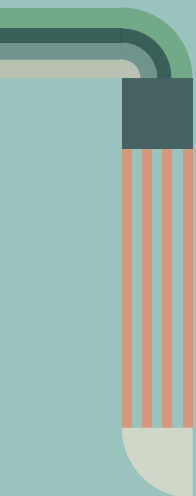
Prêmio Literário
CARCARÁ
2024

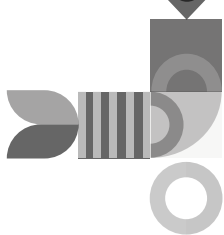


ANOS
DA FCT: A MINHA,
A SUA E A NOSSA
HISTÓRIA



Faculdade de
Ciências e Tecnologia
Câmpus Presidente Prudente

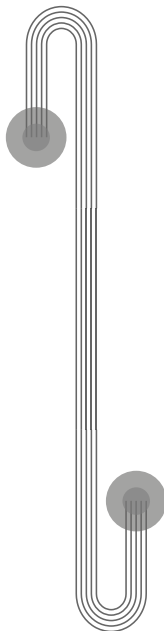




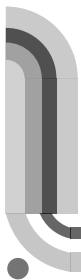
Prêmio Literário
CARCARÁ
2024

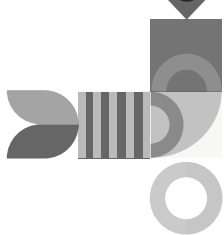


ANOS
DA FCT: A MINHA,
A SUA E A NOSSA
HISTÓRIA



Seike Monteiro Gráfica e Editora
Assis - SP
2024





Prêmio Literário
CARCARÁ
2024



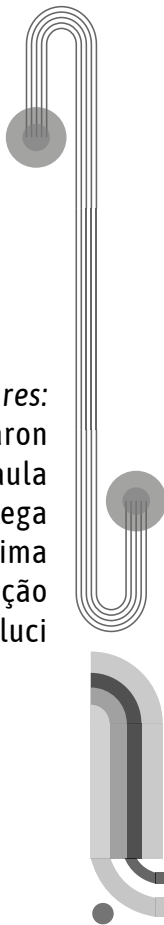
ANOS
DA FCT: A MINHA,
A SUA E A NOSSA
HISTÓRIA

Organizadores:

Cristina Maria Perissinotto Baron
Ricardo Pires de Paula
Eliane Maria Vani Ortega
Micheli Antonia Oshima
Alessandra Kuba Oshiro Assunção
Virginia de Souza Nicoluci

Arte Capa:
Mario Augusto Maldonado

Baseada na Identidade Visual da FCT, criada por:
Guilherme Cardoso Contini
Bárbara Beline
Fernanda Henriques



Ficha catalográfica elaborada por Juliana Jacob de Andrade.
Bibliotecária – CRB 9/1669.

Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) – UNESP Presidente Prudente.

P925

PRÊMIO LITERÁRIO CARCARÁ 2024: 65 anos da FCT : a minha, a sua e a nossa história. Organizadores: Cristina Maria Perissinotto; Baron Ricardo Pires de Paula; Eliane Maria Vani Ortega; Micheli Antonia Oshima; Alessandra Kuba Oshiro Assunção; Virginia de Souza Nicoluci. - Assis: Triunfal, 2024. 118 p. il.

ISBN: 978-65-80928-33-0

1.Literatura. 2. Prêmio Literário Carcará. 3. FTC UNESP. I. Título.

CDD B869.93

COMISSÃO ORGANIZADORA / FCT UNESP

Cristina Maria Perissinotto Baron
(Diretora da FCT)

Ricardo Pires de Paula
(Vice-diretor da FCT)

Alessandra Kuba Oshiro Assunção
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Eliane Maria Vani Ortega
(Depto de Educação)

Fatima Regina Lucas
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Helber Henrique Guedes
(Aluno – Graduação em Geografia)

Micheli Antonia Oshima
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Renata Maria Coimbra
(Depto de Educação)

Renilton José Pizzol
(Depto de Fisioterapia)

Silvana Silgueiro
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Sofia Lemes Marques dos Santos
(Aluna – Graduação em Geografia)

Virginia de Souza Nicoluci
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

COMISSÃO JULGADORA

Eliane Maria Vani Ortega

(Depto de Educação – FCT/UNESP – Presidente Prudente)

Berta Lúcia Tagliari Feba

(Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica)

Carlos Francisco Freixo

(Associação Prudentina de Escritores)

Nanci Moreira Branco

(Educação Básica – Secretaria da Educação do
Estado de São Paulo – Presidente Prudente)

APRESENTAÇÃO

A Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Campus de Presidente Prudente, lançou em 2020 o primeiro concurso literário denominado “Prêmio Carcará”, cujo objetivo é incentivar a criação artística e a autoexpressão literária, estimulando a reflexão, o gosto pela leitura e escrita, suscitando a circulação de novos autores no meio universitário.

Em meio ao caos pandêmico, o Prêmio surgiu com a intenção de que a comunidade da FCT/UNESP pudesse expressar sentimentos e reflexões com relação ao momento que estávamos vivenciando sob a temática “Pelas janelas: reflexões em tempos de isolamento”. Na segunda edição, o propósito era que os participantes pudessem refletir sobre a retomada presencial das atividades com o tema “Como será o amanhã? Reflexões sobre a retomada presencial”.

Nesta terceira edição, o concurso celebrou a história e a essência da FCT com o tema “65 anos da FCT: a minha, a sua e a nossa história”. Os membros da comunidade acadêmica e de Presidente Prudente e região puderam compartilhar suas vivências e perspectivas. Além dos textos selecionados, temos três crônicas de servidores e docentes convidados a partilharem suas memórias pelos espaços do campus.

Ao reunir essas experiências e imortalizá-las em um livro, estamos fortalecendo os laços com a nossa comunidade, reafirmando o valor de cada indivíduo nesse trajeto compartilhado, preservando a memória e criando um legado que reflete o impacto duradouro da instituição em nossas vidas.

O nome Prêmio Carcará foi pensado a partir de uma alusão ao informativo criado pelo Diretório Acadêmico “3 de Maio da FCT/UNESP de Presidente Prudente”, o “Carcará” que era composto de uma estrutura informativa de ações que abordavam críticas políticas e artísticas de âmbito local, regional e nacional.

Criado no ano de 1976, em meio ao período do regime da ditadura militar brasileira, o boletim visava, sempre com bom humor e conteúdo argumentativo, (considerados ofensivos por setores mais conservadores da instituição) combater e contestar episódios autoritários e repressivos, ações comuns à época do comando militar.

Nesta premissa, identificamos o boletim de 76 como a identidade do concurso literário, relacionando o momento impositivo de isolamento social, bem como, a situação nunca vivida até o momento com a oportunidade de extrair reflexões criativas contribuindo com o bem-estar da comunidade.

PREFÁCIO

Fui convidado para escrever o prefácio da nova edição do Carcará, uma coleção de contos e crônicas que se tornou tradição na UNESP de Presidente Prudente. Para cumprir a tarefa, tive o prazer de ler os trabalhos que estão aqui reunidos, especialmente porque o lançamento da obra fará parte das comemorações dos 65 anos da nossa unidade universitária.

Eu acredito que escrever é uma forma de aprender a ler o mundo, compreender o contexto no qual as coisas fazem sentido. Escrever é uma forma de diálogo, de compartilhamento das minhas palavras com outras pessoas. Se o ato de ler é uma espécie de escrita mental, de reelaboração do texto lido de maneira que este faça sentido para eu mesmo, no caminho inverso, o ato de escrever é a impressão no papel da minha leitura do mundo. Quando escrevo o texto, eu o recrio na minha mente, concordando, discordando, acrescentando, questionando as ideias do meu leitor onírico. Por sua vez, ao ler o meu texto, você está construindo a sua própria “leitura do mundo”. Daí eu e você nos aproximamos da fronteira entre nossos pontos de vista e uma certa apropriação artística da realidade.

Pois bem, diante das muitas inquietações que acompanham a vida dos nossos jovens estudantes escritores, foi inevitável eu pensar naquele jovem que fui, repleto de planos e desejos de transformar o mundo! Eu cheguei em Presidente Prudente no começo da década de 1990. A cidade passava por muitas transformações.

Imagine a nossa cidade em 1970. Pouco mais de 100 mil habitantes. Não era difícil percorrer as ruas existentes na sola do sapato. O atual Museu e Arquivo Histórico Municipal ainda não havia sido instalado nas edificações do antigo matadouro, que ficava fora da cidade. Poucos bairros existiam além daquele limite. Do outro lado da malha urbana, não era muito diferente. Tendo

como referência a Estação Ferroviária, do outro lado da linha tínhamos a Vila Marcondes e sua belíssima igreja e ponto final. O que hoje chamamos de “Parque do Povo” eram, de fato, o leito e as margens do Córrego do Veado, o que também estabelecia outro limite extremo da cidade, transposto por algumas pontes precárias para que se pudessem alcançar algumas aglomerações de casas de madeira.

Naquela cidade dos anos de 1970, tudo acontecia nos arredores da praça da catedral. Até mesmo a faculdade, que deu origem à UNESP, funcionava onde hoje existe uma agência bancária no calçadão a Rua Tenente Nicolau Maffei. Os jovens ficavam girando e paquerando por ali. As salas de cinema próximas eram muito animadas.

Mas desde quando eu cheguei por aqui, muita coisa mudou na cidade. Eu acompanhei o impacto da construção de grandes conjuntos habitacionais, como a COHAB e CECAP, o Ana Jacinta, dentre outros. Também acompanhei de perto o processo de desfavelização e deslocamento da população mais pobre para bairros bem distantes da zona norte. A partir da década de 2000, foi a vez da expansão dos condomínios fechados, especialmente na zona sul. A cidade espalhou-se para todos os lados. Mas foi preciso um pouco mais de 50 anos para que Presidente Prudente duplicasse a sua população. Para ser mais exato, os dados do Censo Demográfico de 2022 do IBGE registram 225.668 pessoas residentes em nossa cidade, o que representa um aumento de 8,7% em comparação com o Censo de 2010. É muito ou pouco? Quando comparado com os municípios da região, não é um resultado ruim. A população da 10ª RA (Região Administrativa) do Estado de São Paulo cresceu apenas 3% durante o mesmo período. A má notícia é que dos 53 municípios da região, 24 municípios — quase a metade! — tiveram uma diminuição da população... Tal fenômeno não é recente e deve estar relacionado com a migração da população para outras regiões mais dinâmicas.

Fico imaginando a nossa cidade do futuro. Em pou-

co tempo, teremos uma criança para cada idoso. Os espaços percorridos por ricos e pobres serão cada vez mais distintos. Como vamos conviver com nossas diferenças? Qual será o papel da UNESP e de nossas atividades acadêmicas nesse futuro próximo?

Sei que a vida do professor é manter viva a força jovem de quem quer transformar o mundo, que ousa fazer diferente, reinventando-se. Ser jovem é manter-se aberto a novas experiências, enfrentando e transgredindo padrões impostos de comportamento. E que venham muitas outras edições do Carcará.... Viva a diversidade de pautas dos jovens!

Prof. Dr. Raul Borges Guimarães

Pró-Reitor de Extensão Universitária e Cultura

Prof. Titular no Departamento de Geografia da FCT

SUMÁRIO

CONTOS..... 15

Quem era ele..... 16

À sombra das mangueiras em flor..... 20

Setembro é o mais belo dos meses..... 24

Axioma do conjunto vazio 28

Como quem num dia de verão abre a porta de casa..... 33

O que você quer ser quando crescer?..... 37

Prévia do primeiro ano da faculdade 40

CRÔNICAS 45

O caminho dos eucaliptos 46

Sobre amadurecer e coragem para a tomada
de decisões aos 18 49

A lista escondida..... 52

A superstição dos coqueiros..... 54

Como folia carnavalesca..... 56

Crônica anatômica na sala de aulas da FCT/UNESP..... 59

Gramma e balas de coco 62

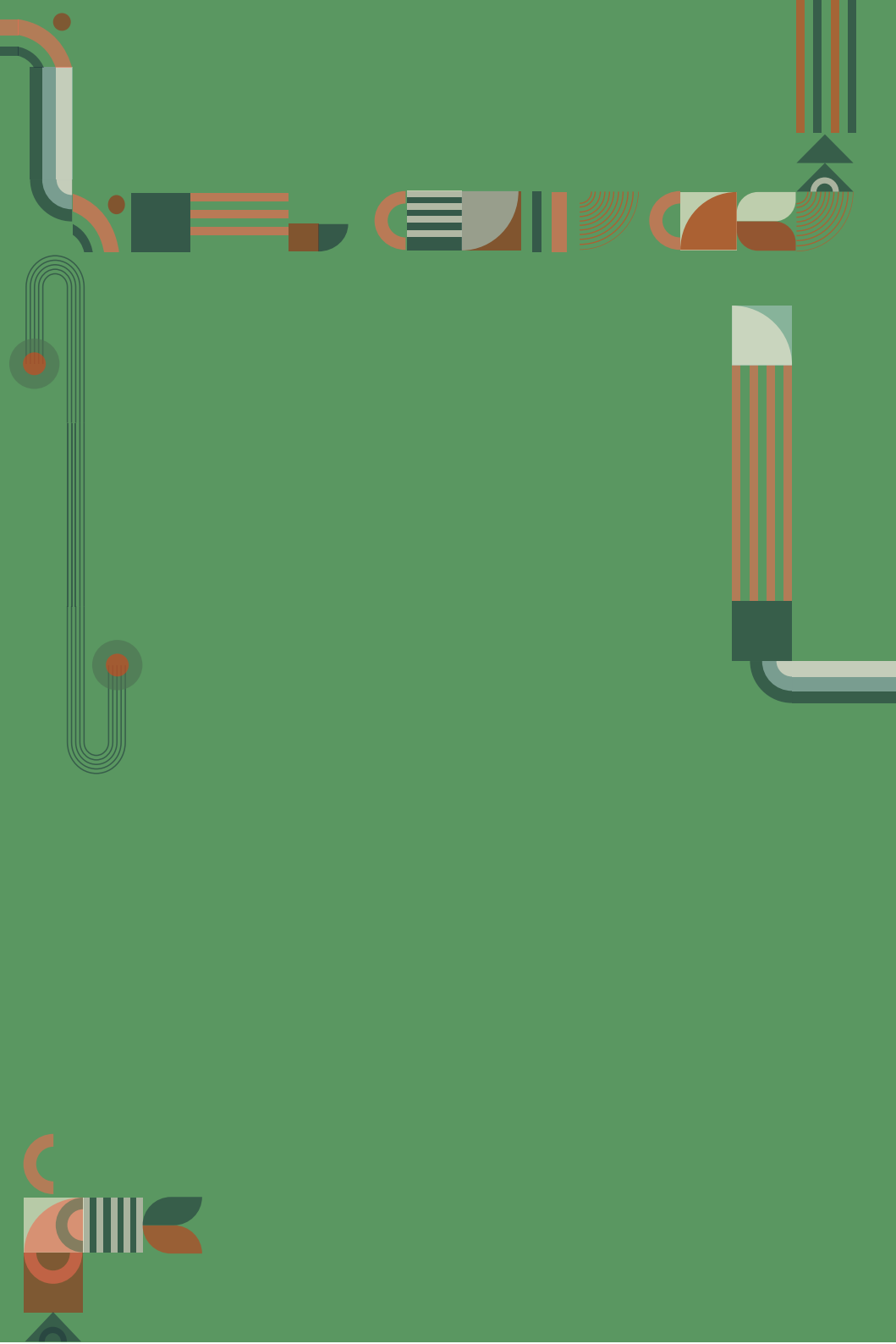
Histórias que cruzam e entrecruzam..... 66

Um salto em direção a mim mesma..... 69

POEMAS	73
Você é um pouco FCT?	74
Função social	76
Pendular	78
Amizade.....	80
Noite de sarau	82
Siri.....	84
FCT/UNESP: Uma história construída por muitas mãos	87
Ventos do oeste.....	90
Versos sobre mudanças.....	92

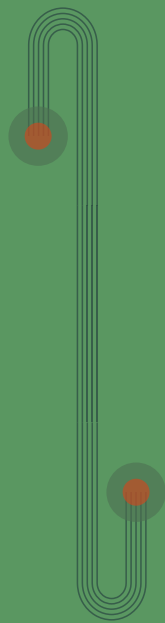
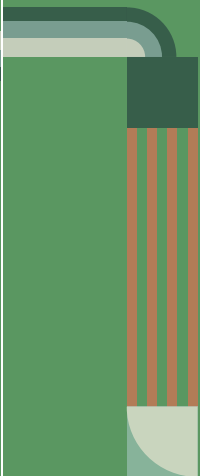
CRÔNICAS DE AUTORES CONVIDADOS.....	95
A jovem de 65 anos e a praça dos tamarindos.....	96
...quase humano?.....	99
Parafraseando Caetano Veloso:	
“Livros, discos, vídeos à mancheia. E deixa que digam, que pensem, que falem”	103

AUTORES	107
----------------------	------------





CONTOS





Quem era ele

Paulo Roberto Brancatti

Conheci o Pedro quando ele veio na UNESP se informar sobre o Curso de Educação Física, pois queria ingressar no mesmo e saber mais informações sobre ele. A princípio, fiquei preocupado, pois se tratava de uma pessoa usuária de cadeira de rodas e não era comum encontrar estudantes com deficiências nos cursos da FCT/UNESP. Mas, dei atenção a ele e expliquei que antes da prova normal do Vestibular, ele teria que passar por uma prova prática existente que era obrigatória aos interessados em frequentar o curso. E também mostrei para ele as estruturas do local onde acontecem as aulas teóricas e práticas dos componentes curriculares.

Ao ouvir alguns comentários de um dos colegas, professor, fez crítica ao ver o rapaz em cadeira de rodas interessado em estudar Educação Física. Percebi que o mesmo tinha uma visão equivocada dos sujeitos com deficiência e com desejo de estudar para terem uma profissão e competir no mercado de trabalho com sua própria vontade e determinação. Ele era apenas um cadeirante limitado às suas funções de membros inferiores devido ao acidente sofrido no trânsito caótico da Cidade de Presidente Prudente, mas não o impediria de ser professor, pois seus membros superiores eram normais e podia usá-los como demonstração dos gestos esportivos.

Pedro sofreu o acidente quando dirigia sua moto em uma das avenidas movimentadas da cidade; num dos cruzamentos entre as mesmas, sofreu uma batida de um carro que não respeitou o sinal e avançou em sua direção, derrubando a moto e jogando-o em direção a sarjeta da rua. Com o impacto violento da batida, ele caiu da moto e bateu a coluna no chão, o que o deixou com graves sequelas nos membros inferiores. E, depois de um tempo internado para possíveis cirurgias e tentativas de correções, foi diagnosticado como pessoa com deficiência.

Ao conversar com o Pedro, percebi que ele tinha vontade de estudar e de ser professor, pois sua mãe era professora da Educação Infantil e ele cresceu com esse gosto e vontade de ensinar nas Escolas. Ele me disse que quando era “normal”, trabalhava

numa empresa e a mesma incentivava os funcionários às práticas desportivas, realizando jogos e campeonatos no interior da empresa. Ele jogava futebol na posição de goleiro do time. E, por gostar de praticar esportes, sentiu vontade de estudar Educação Física para ser professor.

Quando chegou o dia da prova, Pedro foi ao local para fazer as 4 tarefas exigidas pelo vestibular prático. As provas eram: quicar a bola entre os círculos no chão; bater a bola de basquete na parede como se fosse arremesso; correr a quadra indo e voltando na mesma e fazer o giro corporal recebendo e passando a bola para seu companheiro.

Ele realizou as 4 atividades sem muitas dificuldades, pois tinha forças nos membros superiores e a equipe que o acompanhou aprovou, colocando acertos nas folhas que eram preenchidas pelas atividades realizadas. Ao término das atividades, ele chegou até mim e com sensação de dever cumprido me disse:

- Acho que fui bem e consegui fazer todos os exercícios propostos sem muitas dificuldades.
- Verdade. Você foi muito bem e deixou a equipe de aplicadores das provas admirados.

Agora é ingressar no Curso, estudar, pesquisar, realizar estágios e ajudar seus colegas de classe a entender que a deficiência não impede as pessoas de serem profissionais nas áreas escolhidas.

Pedro ingressou no Curso de Educação Física e quando chegou o momento dos estágios nas Escolas, outro problema apareceu. Dessa maneira ele relatou em uma das aulas: “quando cheguei à Escola para realizar meus estágios, fui direto até a sala da direção e ao chegar, perguntei com quem deveria falar sobre estágios. Uma pessoa veio ao meu encontro e perguntou:

- O que você deseja?
- Realizar estágios de Educação Física nessa escola.

- Estágios? Como assim? Não estou entendendo essa sua solicitação.
- Sou estudante de Educação Física e preciso realizar meus estágios na área.
- Como você vai fazer isso? Você é um cadeirante e está estudando Educação Física? Como será professor? Como vai dar aulas? Como pretende ensinar seus alunos as modalidades desportivas?”

E, assim, perguntas e mais perguntas iam surgindo e ele não sabia o que responder. Só queria realizar seus estágios. E se formar na área para poder trabalhar.

O tempo passou. Pedro se formou e foi dar aulas numa escola Municipal para a Educação Infantil. As crianças o receberam muito bem e ficaram animados por terem um professor diferente em suas aulas. E, assim, ele se firmou como docente. Investiu na carreira com outros cursos de formação, estudou mais sobre as diversas profissões que têm pessoas com deficiência trabalhando e percebeu que ser professor cadeirante não difere das concepções educacionais, pois os cursos de formação precisam saber acolher as pessoas com deficiências sem caracterizar as dificuldades, e, sim, compreender as possibilidades de cada um.



À sombra das mangueiras em flor

Marcio Roberto Pereira

A gente constrói a vida para uma pessoa e, quando enfim podemos recebê-la em nossa vida, essa pessoa não vem, depois morre para nós e acabamos vivendo prisioneiros na morada que só a ela se destinava.

Marcel Proust

Minha mãe sempre gostava de livros. Quando comprava um, logo escrevia seu nome no canto da primeira página. Uma letra miúda, bem caprichada, sem pressa. Assim também era sua leitura do livro. Com muito cuidado anotava pequenos fragmentos de pensamento ao lado das partes que mais gostava. Era quase um diálogo, um livro paralelo que se escrevia. Pontos de interrogação, de exclamação e até reticências faziam parte de sua imersão no livro. Ao mesmo tempo em que procurava o enredo, formava um desenredo, subindo e descendo pela montanha mágica de emoções que a obra lhe trazia. Adotava um poeta, um narrador, um escritor e, por um breve tempo, dias, semanas, nunca meses, comentava com todos a sua volta sobre esse reino de palavras em que ela estava penetrando, não surdamente, tentando contagiar suas pessoas mais queridas com seu próprio alumbramento. Parecia uma vendedora que estava começando seu ofício. Às vezes comportava-se como um titubeante caixeiro-viajante, ainda incerto sobre o funcionamento de seu produto. Deixava de indicar certos livros por não gostar do final ou por achar que o que estava lendo no momento era melhor. Era cheia de metamorfoses quanto a seu gosto artístico.

Acreditava que todos deviam gostar de livros quando presenteados. Por isso, seja qual fosse a ocasião, o presente de minha mãe já era sabido de véspera. Restava à vítima apenas deixar algumas pistas sobre qual título mais lhe interessava. “Se não gostar, sei quem gosta”. Essa era a frase dela quando estendia o presente com um sorriso de lua.

Mudam-se as fases. Mudam-se os tempos. Hoje olho minha mãe sentada à janela e percebo seu mundo, suas leituras, sua vida, suas memórias, a cada dia esvaindo-se de forma lenta e constante... Vejo a estante de livros, cujos títulos em conjunto formam frases desconexas – ou nem tanto – e tenho medo de abrir um desses livros e me deparar com páginas que se desbotam, deixando, no lugar de frases, só alguns pontos e letras esvaecidas...

Reparo numa foto já quase esbranquiçada pelo tempo. Conheço aquele lugar, aquela paisagem e principalmente as pessoas que estão ali... Meu pai, minha mãe e eu. Juntos e sorrindo para um então presente cercado de pés de manga, cheios de frutos ainda verdes...um prédio onde minha mãe trabalhava como bibliotecária e onde eu passava grande parte de minha infância...Lembro-me desse dia como um dos mais iluminados de minha vida.

Pego a foto, só agora reparo no vestido azul e banco, ou seria verde, que minha mãe usava naquele dia. Trinta anos atrás, parece que foi ontem. Um mundo cheio de vida em apenas uma imagem. Meu pai com sua face desconfiada frente à foto. Não gostava de fotos, era o que dizia. Mas foi ideia dele colocar o retrato na estante.

Tiro os olhos da imagem, olho para minha mãe. Ela volta-se para mim. Percebe minha presença, mas não esboça nenhuma reação. Sou apenas um fiapo de passado em sua memória. Um pequeno pulsar, que logo se esvai. O que haverá por se revelar em nossa câmara escura quando tentamos abrir os negativos da memória, do sentimento, das fraquezas... o que conteria nessa pequena sala de nossa intimidade, quase sempre com as luzes semiapagadas e com a entrada proibida para a gente ao redor?

Quem dera nossa vida fosse simples e se revelasse como uma fotografia. Quanto por se expor e quanto por se esquecer... Olho para minha mãe em estado de esquecimento. Tiro a fotografia da moldura com muita delicadeza. No verso há uma data e uma anotação. “Aniversário da Faculdade de Ciências e Tecnolo-

gia – sob o calor de Presidente Prudente à sombra das mangueiras em flor” ...A faculdade era um dos lugares preferidos de mamãe. Além do trabalho, também começara ali o curso de Pedagogia... crianças e livros deveriam estar sempre juntos. Deveriam estar sempre por perto.

Aproximo-me da janela. Minha mãe olha a avenida em frente com todos aqueles carros, pessoas, movimentos de ida e vinda...tão distantes aqui no décimo andar...Volto e vou para o quarto dela, abro o guarda-roupa e encontro o vestido da foto. Parece apagado, mas ainda conserva seu encanto. É um belo vestido verde... coloco-o num cabide para tomar um pouco de ar...

Volto para a sala. Minha mão parece cochilar. Pego sua mão e coloco a foto em sua frente. Como quem parece voltar de um mundo distante, ela olha fixamente para aquela imagem. Sorri e assim fica por um momento. Talvez fossem as memórias ligando-se como peças de um quebra-cabeças.

Vira-se para mim. Olha nos meus olhos, passa a mão em meu rosto. Reparo uma lágrima descendo de seus olhos um pouco confusos, como quem olha para trás e vê uma paisagem familiar...



Setembro é o mais belo dos meses

Marcio Roberto Pereira

“Os olhos pousados nas últimas rosas dos grandes e calmos dias de setembro” (Eugênio de Andrade)

... quando F. C.T. acordou de sonhos tranquilos já passava das seis e doze da manhã. O dia estava quase claro. O ventilador fazia um som de chuva leve e isso deixou F. mais relaxada. Virou-se e fechou os olhos para dormir mais quinze minutos. Despertou novamente, agora com mais energia. Olhou o livro ao lado da cama e pensou nas duas páginas que faltavam para terminar a leitura. Estava adiando o término, mas hoje seria o fim. O livro era da biblioteca da faculdade, trazia todas as marcas de diversas leituras. Rabiscos de uns, descuidos com a capa de outros, mas nada como ler algo que possui peso, textura, história...

F. sentiu-se diferente hoje. Era seu aniversário de sessenta e cinco anos. Estava feliz e com a sensação de estar renovada. Acreditava que os ipês de todas as cores deixavam a data mais iluminada. Nasceu no final do inverno, mas sempre dizia que era no começo da primavera. Olhou para o livro e pensou que sua vida iria começar outra página, sentia-se jovem, animada e com todas as esperanças que a acompanhavam pela vida. Alguns diziam que isso era inocência ou ingenuidade. Mas esses estavam apenas premeditando segundas intenções, nem sempre concretizadas. F. sentia-se feliz.

Por coincidência ou puro acaso, F. tinha a mesma idade da Faculdade onde trabalhava. Era recém-formada em biblioteconomia quando apareceu a chance de um emprego na UNESP de Presidente Prudente. Ambas tinham 22 anos. Estavam começando com aquele olhar para a frente sem pensar nos empecilhos da vida.

F. sentia-se feliz por hoje ser sábado, o dia mais iluminado da semana para ela. Iria tomar café e pegar o ônibus para outra cidade. Desde sempre viajava no dia de seu aniversário. Sempre sozinha, queria conhecer a si própria. Nesse ano não seria dife-

rente. Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir a si mesma, pensava ela. Antes iria passar na UNESP para ver as comemorações do aniversário de um de seus lugares preferidos. Saiu de casa e foi caminhando até o Parque do Povo. Era cedo e muita gente já estava caminhando por ali. Foi andando e contornando a faculdade. Conhecia bem esse caminho de todos os dias.

A avenida ainda estava vazia, o que a fazia reparar em sons de pássaros e ipês que começavam a se despir de suas cores. Abriu os olhos para apreciar sua companheira de aniversário. Entrou na faculdade e aquele lugar era seu jardim, sua casa, seu pomar...Sentou-se numa mesinha embaixo de umas árvores, leu as duas últimas páginas do livro. Eram melhores do que esperava. Ficou com o final do enredo na cabeça. Foi para a biblioteca e colocou o livro em cima de sua mesa. Na segunda-feira daria baixa e escolheria outro. Talvez do mesmo escritor.

Voltou pelo mesmo caminho. Parou debaixo de uma quaresmeira e uma flor vermelha caiu em sua frente. Abaixou-se, pegou a flor e colocou na sua bolsa. Já fora da faculdade olhou para trás e disse feliz aniversário.

Olhou para a rua em aclive, que se dividia ao formar uma pequena praça. Baixou a cabeça para ganhar impulso. O céu estava mais azul do que nunca. Na frente de um alambrado uma mulher lhe chama. É uma cigana que lhe oferece seus serviços de previsão do futuro. F. dá um sorriso, e faz uma pergunta para a mulher, toda vestida de amarelos e vermelhos.

- Eu tenho uma curiosidade.

- Diga, minha querida, que eu vejo a resposta em suas mãos...

- Qual o dia do meu aniversário?

A cigana olhou nos olhos da mulher e com um sorriso enigmático disse para ela ir embora. Talvez fosse uma dúvida muito corriqueira para a mulher. Não iria gastar suas habilidades em algo tão sem metafísica. F. continuou subindo em direção ao



seu destino, sorrindo da cena com a cigana. Não olhou para trás. Apenas ficou na dúvida para qual lado iria. A praça era pequena e ela nem sentiu o cansaço da caminhada. Ainda ouviu a cigana chamar outras pessoas, mas logo pensou que o dia estava apenas começando. Era setembro...



Axioma do conjunto vazio

Emilly Sanchez Barros

Mesmo depois de dois anos, para Aurora ainda era muito difícil se acostumar com o silêncio. Enquanto se despedia de sua família, seu peito já começava a ficar apertado e quando enfim entrava e fechava a porta de casa atrás de si, a única coisa que restava era o silêncio para confortá-la da ansiedade formigante no coração.

Embora ela tenha perdido a capacidade de ver as cores desde muito antes de se mudar, quando foi visitada aos 14 anos pela Grande Escuridão, conviver todos os dias com sua família ainda gerava uma leve sensação de que nem tudo estava perdido. Porém agora, morando sozinha em outra cidade totalmente diferente, seus dias se reduziram a uma grande rotina preto e branco do mundo no qual ela operava tudo no automático, sem sentir nada além de um grande vazio durante as longas horas do dia.

Para Felipe, a Grande Escuridão nunca havia feito uma visita e o silêncio não lhe era tão assustador assim, já que o mesmo possuía tanta gentileza e facilidade em se comunicar que fazia parecer que a vida era uma grande dança, lenta e de ritmo suave, a qual o jovem sabia todos os passos de cor e os executava com maestria.

Em um dia ensolarado de maio, Aurora caminhava distraidamente observando metodicamente a natureza espalhada pelo campus da faculdade quando teve sua atenção roubada por um rapaz que, a pouco metros de si, andava rapidamente e acaba tropeçando em uma pedra, deixando o objeto que segurava em suas mãos cair devido ao susto da situação.

O primeiro instinto da jovem seria fugir do lugar o mais rápido possível, porém por algum motivo desconhecido suas pernas a fizeram se aproximar do jovem e ver se ele precisava de alguma coisa. Embora Aurora estivesse bem resistente e no início se limitou a dar respostas mais breves possíveis, Felipe foi persistente e, aos poucos, conseguiu extrair algumas informações sobre quem era a garota quieta e acuada que veio ajudá-lo.

Quando a jovem se deu conta, os dois estavam embaixo de uma Jasmim-Manga, com flores brancas de miolo amarelado que exalavam um odor agradável, tentando encaixar de forma correta as peças de vidro do pequeno prisma que o rapaz trazia nas mãos antes da queda.

– Você disse que não consegue ver as cores, certo? – Indagou Felipe, enquanto juntava duas partes de vidro que não pareciam se combinar – Isso me lembra do que o meu irmão me explicou sobre o fenômeno do prisma na física antes de me dar este – Ele aponta para as diversas peças espalhadas no chão.

– Seu prisma conseguia fazer a decomposição da luz branca? – Aurora pergunta, surpresa.

– Ele consegue fazer a decomposição da luz! – O rapaz replica levemente indignado – Você acha que ter uns remendos vai fazer com que o objeto perca sua propriedade?

– Na verdade, sim – Ela responde lentamente – Talvez a presença da cola atrapalhe o processo e as cores não sejam mais vistas do outro lado quando a gente testar.

– Pois eu tenho certeza de que o prisma vai ficar tão bom quanto era antes da queda.

Após um momento de silêncio, Aurora sorri levemente e diz:

– Você parece ser o tipo de pessoa que tentaria tirar uma visão positiva até mesmo do axioma do conjunto vazio.

– Axioma do quê?

– É uma teoria meio que para garantir a existência do nada

– Ela explica sucintamente, reproduzindo a frase que ouviu do pai quando era criança – Tipo a vida, começando do nada e terminando no nada.

– E mesmo nossa consciência só estando operante no meio desses dois “nadas” – O rapaz faz aspas com as mãos – Isso não nos impede de viver coisas incríveis, você não acha?

A menção à palavra viver faz com que a garota pare de sorrir e encare profundamente os olhos gentis à sua frente. Ela estava de fato vivendo ou apenas existindo em um ciclo contínuo sem propósito?

– Qual o sentido de viver se vamos nos deparar com um nada no final, sem nem ao menos saber quando isso vai acontecer?

Respirando fundo, Felipe coloca as peças no chão e com a mão livre aperta de leve a da jovem, que está a poucos centímetros da sua, dizendo:

– Se estamos fadados ao nada no fim desse ciclo biológico chamado vida, por que usar o pouco tempo que temos de livre consciência para viver no nada? Por que não aproveitar um pouco as coisas?

Com esta frase ecoando na mente de Aurora, os dois passam o restante da tarde juntando os pedaços do prisma até conseguirem colar tudo de volta da forma mais apresentável possível, se recompensando no final indo até uma das cantinas da faculdade e comprando um pão de mel para dividir, sentindo a brisa do fim de tarde enquanto comem.

– Toma, leva para você – Diz Felipe, colocando nas mãos da jovem o prisma recém colado – Quando chegar em casa, cruze os dedos e faça o teste para ver ele funcionando.

– Mas como vou saber se todas as cores estão saindo, se tudo que vejo é preto e branco? – Ela indaga, confusa.

– Na hora você vai saber, confie em mim – O jovem sorri, se despedindo.

Assim, a primeira coisa que Aurora faz ao chegar em casa é jogar a mochila longe, correr para o quarto e fazer o teste. Ao incidir a luz branca de um lado, para sua enorme surpresa ela vê saindo do outro todas as cores, assim como se lembrava de observar quando criança nas ilustrações.

Nos poucos anos que viveu após isso a jovem nunca mais encontrou Felipe para poder agradecer pessoalmente, mas até seu último dia sempre se recordou dele com muita gratidão. Embora ter de volta a capacidade de ver as cores tenha tornado as coisas melhores, infelizmente nem todo mundo possui resiliência suficiente para acompanhar o ritmo da dança da vida.

No outro lado do país, com seus mais de 30 anos, Felipe estava muito bem estabelecido e feliz, vivendo a vida que foi destinado a ter. Apesar de nunca mais ter se lembrado do episódio do prisma com a jovem Aurora e sequer tivesse noção do quanto mudou a pequena vida dela, periodicamente ele avistava uma borboleta azul nas flores brancas de miolo amarelado das diversas Jasmim-Manga presentes em seu caminho de casa e sempre que a via, mesmo sem saber muito bem o motivo, ele acabava sorrindo.



Como quem num dia de verão abre a porta de casa

Marcio Roberto Pereira

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo.
(Alberto Caeiro)

Olhou para o céu. Um carcará cortou o céu até pousar no grande prédio construído recentemente. O homem olhou de volta para baixo. Estava agachado e apalpando a terra. Era infinitamente setembro. W. ajeita o grande chapéu de palha na cabeça. Levanta-se e olha ao redor. Seu trabalho no jardim está quase pronto. Logo haverá a comemoração dos sessenta e cinco anos da Faculdade de Ciências e Tecnologia que ele conhecia tão bem. Por outras ciências, plantava aqui, podava acolá, deixava crescer e frutificar na maior parte. Por outras tecnologias molhava a terra onde a chuva teimava em não chegar e via o florescer de pequenas plantas e flores quase imperceptíveis ao vai e vem das pessoas.

Aquele dia, para a FCT, seria um dia de festa, de comemoração de seus sessenta e cinco anos. Para W. seria o início de sua aposentadoria. Seu último mês de trabalho. Passou a mão no rosto, pegou a tesoura de poda e começou seu lento e delicado trabalho de escrever em letras a palavra UNESP com as mudas já crescidas do pingo-de-ouro. Uma planta que alguns viam como verde amarelada, outros como amarela esverdeada. As letras eram enormes e podiam ser vistas por quem passasse pela avenida. Parecia até que já cresceram no formato das letras e ninguém pensava que um jardineiro pudesse constantemente aparar e cuidar daquela obra, quase de arte.

Começou a podar as palavras, como um artesão. O carcará cortou o céu e sua sombra passou pelo jardineiro. De longe ouvia-se o som de vozes e da bateria que ensaiava quase todos os

dias. Um apito cortava aqui e ali indicando uma partida de futebol ou vôlei. Iria sentir falta daquele ambiente, daquela natureza. Das mangas que plantou e que agora crescidas serviam como sobre-mesa para quem apreciava uma boa fruta depois do jantar.

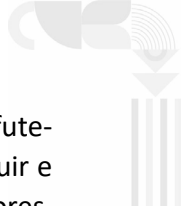
Iria sentir falta do cheiro da grama cortada e do vermelho dos flamboyants que deixam o azul do céu mais reluzente. Pensou que a festa de aniversário da faculdade seria sua despedida como um daqueles que anonimamente deixam tudo pronto e preparado para o próximo dia, para o próximo ano.

Seu trabalho estava quase no fim, aparou todas as letras. Deu forma ao disforme conjunto de arbustos. Olhou para o relógio e para o sol que estava próximo do horizonte. Prestou atenção no seu trabalho, nos sons que vinham de longe, nas árvores e num ipê que se cobria de amarelo. Sentiu-se jovem como aqueles que via passar ano após ano indo para as faculdades. Sentiu as raízes do mistério que tudo conecta. Sentia-se jovem e renovado como sua faculdade que completava sessenta e cinco e era jovem, lúcida, invencível. Sentia-se livre como o carcará e como os brotos do pingo-de-ouro que brotavam sem se importarem com a insistência costumeira do jardineiro. Era um dia excessivamente nítido.

Já tinha dado o trabalho como acabado. A Natureza talvez seja partes sem um todo? Ou tudo é parte de um grande Mistério? Foi quando levantando-se e preparando-se para ir embora anteviu um broto de uma outra planta no meio das letras de pingo-de-ouro. Um broto procurando por sol, mostrando a força de ter recebido boa água. W. ficou um pouco confuso. Decidiu por deixar a vida florescer.

Passados dez dias W. já era um homem que não precisava fazer o trabalho de jardinagem. Aposentou-se. Ainda tinha as marcas da rotina ao acordar, dormir, comer... mudou as roupas, mas o mundo continuava um imenso jardim.

Certo dia decidiu visitar seu trabalho, como convidado ou espectador. Era dia de jogos entre muitas faculdades. No meio de



peessoas de muitos outros lugares, W. assistia uma partida de futebol. Sentia-se alegre na beira do campo que ajudou a construir e que precisava de seus cuidados semanais. Olhou para as árvores, para o céu e por um segundo pensou ter visto o carcará cruzando o firmamento. Em meio a dezenas de pessoas, sentiu-se diferente. Algo brotava de seu ser e buscava o sol.

Ajeitou o boné na cabeça, olhou para o horizonte e deu uma lambida em seu sorvete. Nesse momento W. sorriu para o mundo.



O que você quer ser quando crescer?

Raul Antonio Fragoso Neto

Minha mamãe sonhava que eu viesse a me tornar alguém muito importante e materialmente rico na sociedade, já que ela, apesar de me influenciar, juntamente com meu pai e meu irmão mais velho (todos falecidos), eram mais ricos cultural e intelectualmente. Minha finada mãe, desde sua tenra infância, trabalhou duramente e conquistou uma cadeira na magistratura do 1º grau e, com muito amor à música, abraçou a carreira de cantora lírica de coral e pianista, mesmo sem haver cursado Faculdade. Meu pai, embora fosse também professor do ensino fundamental, tinha um dom que também me incentivou na escolha do meu atual hobby: desenhava, à tinta nanquim, seres humanos e animais muito bem, especializando-se em Administração Escolar.

Já meu irmão optou pela difícil arte de escrever, além de se dedicar de corpo e alma à dramaturgia, embora trabalhasse como escriturário na Faculdade de Medicina da UNESP de Botucatu. Mas, a pergunta que a sociedade sempre nos faz é: o que você quer ser quando crescer? Aí me lembrei que, ao nascer, minha mãe desejava me dar o nome de Leonardo (que significa “forte como um leão”). O tempo passou, e esta questão da minha futura profissão me levou, de fato, a ser um professor e pesquisador universitário, formado em Ciências Biológicas.

Foi quando me apaixonei por artes plásticas, carreira esta levada como um hobby durante a pandemia de 2020, tentando-a unir com a ciência morfológica, minha outra paixão. Vale dizer que o nome Leonardo ainda não me sai da cabeça, pois, na história dos grandes artistas e mestres, identifico-me com Da Vinci, cuja genialidade (embora não me considero um gênio) alcançou múltiplos campos da Ciência, inclusive o de ser contista. Outro Leonardo que me fascina por ser músico e compositor clássico é Leonard Bernstein, embora particularmente não seja fã de outros mestres e artistas com nome parecido, mais por desconhecimento de sua obra. Fato este curioso, meu avô foi também um docente do primeiro grau, descendente de portugueses, chegando a publicar um livro de charadas e, após seu falecimento há muitas



décadas, ter seu nome registrado em uma Escola no bairro de Pirituba, São Paulo.

Estas memórias significam muito para mim pois, ao final da minha missão como docente universitário (provavelmente) daqui a dois anos, meu sonho é continuar sendo artista (nas horas vagas e na profissão), pedindo muito a Deus, a quem sirvo há quase 50 anos, que me ajude a ser uma bênção a todos familiares e amigos com quem convivo em Presidente Prudente, São Paulo.



Prévia do primeiro ano da faculdade

Lúcia Iaciara da Silva

Eu escrevo às pressas, ofegante como quem percorria o trajeto da rodoviária a pé até o campus, correndo contra o tempo para chegar à aula de antropologia cultural, e jeca de tudo, menina ainda a vislumbrar e conhecer o mundo, só sabia o percurso longo, contornos longínquos no Parque do Povo, percurso aquele que admirava a despeito dos passos famintos de chegar, menina do campo, como era, não podia ver um verde mais lustroso em meio ao concreto que os olhos já brilhavam. Não tinha ônibus circular certo que me levasse à faculdade, esperá-lo era contar com a sorte, e poderia chegar mais atrasada do que no meu longo caminho de andante. Aquilo também podia significar muita despesa do mirrado dinheiro que tinha, que devia ser utilizado para comprar um salgado, pagar o ônibus Jandaia da vida que já fazia parte do cotidiano e me levava de uma cidade a outra ou ainda os “xerox” da vida (e, meu Deus, quanto xerox!!! Devia ter bolsa xerox.).

E assim assistia às aulas das manhãs de sexta, chegava atrasada, mas tinha uma velocidade boa, lembro de ter batido meus recordes de tempo da rodoviária até a UNESP, quase um Usain Bolt, se tivesse que andar mais a cidade de Prudente para assistir aulas de manhã já poderia me candidatar a abrilhantar aquela pista de atletismo UNESPiana (pausa para risos). A pista se via, com os arbustos podados em forma de “U-N-E-S-P” logo após o cruzamento perigoso da Avenida Washington Luiz, aquele semáforo chato e necessário. O tempo passou, a rapidez passou, no rememorar nem tanto.

Era o primeiro ano da faculdade. E... poxa... foram sonhos, hein... um vislumbre. A verdade é que somos muito sonhadores quando jovens, às vezes utópicos, bobões, literalmente, e talvez eu tenha me visto mergulhar em algumas utopias sociais e econômicas (além da conta) quando havia aula de sociologia. O professor divagava depois de suas explanações, mas com um paralelo na temática da aula, então valia à pena se demorar nas aulas dele, não acha?! Humanas tem disso, não é mesmo?!

Eram as aulas noturnas. Nós da cidadezinha pequena íamos e voltávamos de ônibus fretado, este que só fazia as viagens de noite, pingando em cada estabelecimento de ensino da “cidade” Presidente Prudente. Todos os outros alunos iam para cursos técnicos, universidades particulares, mas eu sozinha ia para a UNESP – porque sei lá fundamentar mais profundamente, esse era meu sonho, universidade pública, a despeito de que nos tempos de escola eu queira ter tentado bolsa em escola particular. Aliás, esse deve ser o grande paradoxo da nossa sociedade capitalista, reza a lenda que todo egresso de colégio de ponta quer tentar vaga em universidade pública, aí o pobre ex-aluno de escola pública sucateada, muitas vezes, tem de tentar a sorte numa universidade privada, mais ou menos, e “trampar” o dia todo para de noite “tentar ser alguém na vida” e “VIVA A MERITOCRACIA”. Se você se esforçar tem as mesmas chances de fulano.

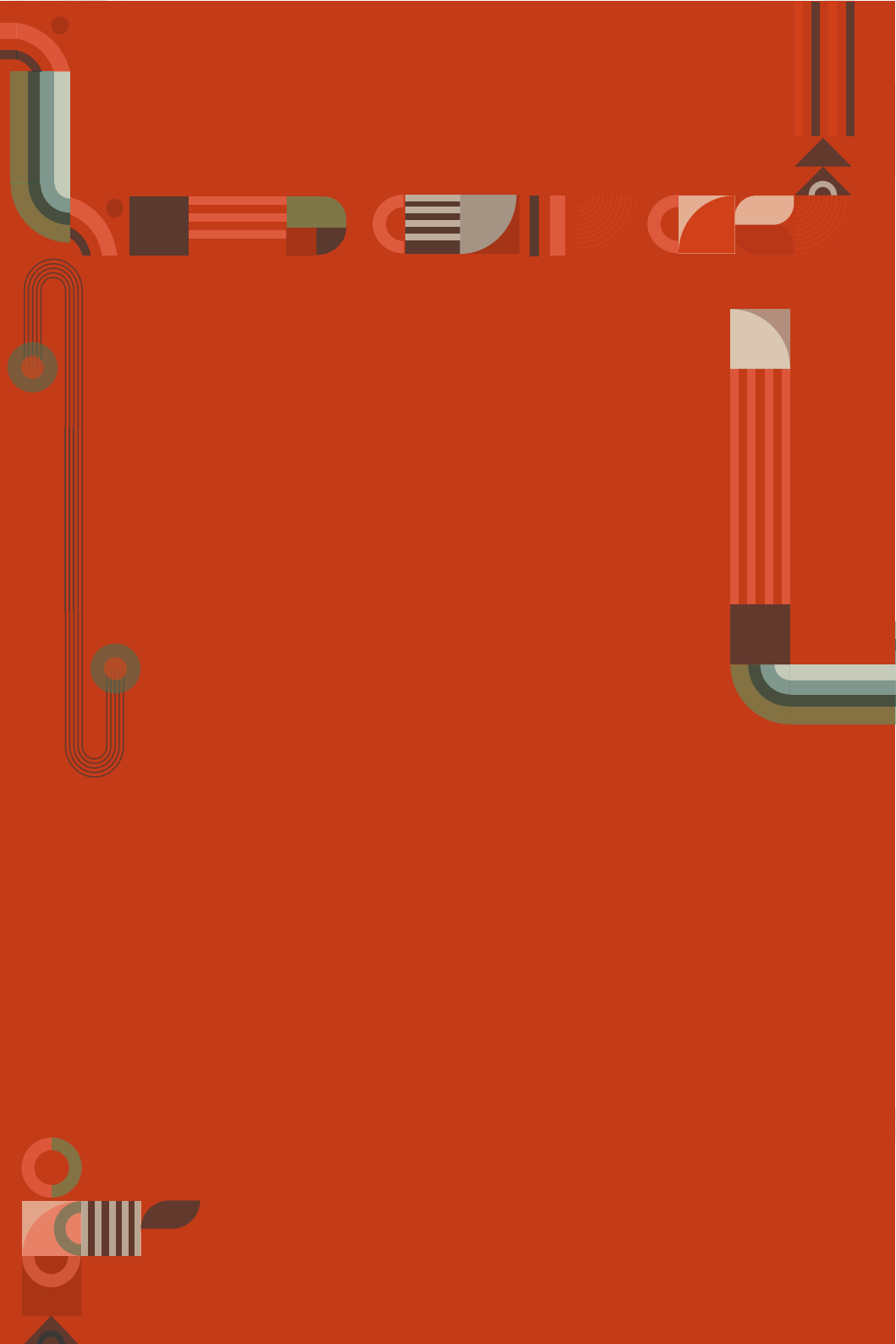
Mas eu falava de ser a única da cidade que cursava FCT/UNESP, falava da disciplina de sociologia e do professor animado que numa sexta feira não via a hora passar. O que quero dizer é que foi nesse período também que descobri que era real o que os alunos veteranos falavam... se deixasse a aula acabava depois da meia-noite. Meu bloco de aulas era no fundo da faculdade, o ponto de ônibus na quadra seguinte... descobri também que eu era invisível aos demais alunos e motorista que fazia o transporte da pequena cidade, foi numa dessas sextas que esqueceram de mim... e foram embora. Eu tenha saído em um horário em tempo de tomar o ônibus, os outros saíram mais cedo da faculdade e deu no que deu. Me senti o próprio personagem do Macaulay Culkin, do clássico filme “Esqueceram de Mim”, e assim como na arte cinematográfica teve direito à parte 2, 3... e um tanto de desespero, em que eu doida de nervosa, ligando com mãos trêmulas, esperei tardão da noite o motorista dar meia volta e retornar. E todos na cara de paisagem, desaforados...

Como eu disse, era menininha, sonhadora, coisa e tal... o primeiro ano me rendeu bons aprendizados e recordações, uns

perrengues, não que isso não tenha ocorrido em todos os outros, mas o primeiro ano é a INICIAÇÃO. Foi nele também que aprendi a usar o computador, se bem que usar um computador é uma colocação muito forte, até hoje a tecnologia me surra. Mas era necessário! Nada mais de trabalhos a lápis, com capa de desenho de letra bonita, às vezes feita se utilizando daquelas régua com o alfabeto vazado (Mentira! Ainda havia alguns trabalhos que assim eram feitos). Nesse tempo também me ensinaram o que era texto justificado – pode parecer bobo, mas para quem nunca usou computador na vida, foi uma descoberta e tanto, apesar de simples...

Eu saía da fazenda, pai me levava à cidade, à casa de uma amiga, e eu usava o computador dela para digitar meus trabalhos, que eu levava todos rascunhados a mão. Aliás sou muito grata a ela, mesmo seu computador sendo jurássico. Na verdade, a evolução dos computadores é algo um tanto recente, e aquele lá poderia ser considerado (quase-quase) top de linha. Ô bichinho caro era um computador, aqui quase ninguém tinha. Inclusive aprendi a digitar nestes moldes aí, tudo no primeiro ano da faculdade, até hoje sigo na mesma habilidade, a de digitar catando milho, usando uns dois dedos de cada mão. No segundo ano da faculdade ganhei de presente um notebook dos meus pais, processador de ponta, melhor modelo – tive que escolher entre um notebook ou curso de informática (que naquela época estava em alta). Escolhi aprender a usar o computador por conta, óbvio!

Fiz umas amizades, quebrei a cara com algumas amizades, achei que era para a vida toda, mas o destino não quis assim, virei madrugadas lendo monte de excertos de textos, porque era quando tinha paz e silêncio, amadureci (às vezes “enverdeci”). Enfim... vida universitária.





CRÔNICAS



O caminho dos eucaliptos

Solange Moura Lima de Aragão

Depois de passar pela entrada principal, muitas vezes com o trajeto curvilíneo coberto de folhas e de flores, subir as escadas, percorrer a área em parte coberta e em parte descoberta que dá acesso aos departamentos e de onde se vê ao longe, à esquerda, a biblioteca, e finalmente atravessar de forma enviesada o estacionamento, traçando uma diagonal que não existe por entre os automóveis, todo mundo se depara com o caminho dos eucaliptos, sinuoso, recortado, ladeado por eucaliptos e entremeado por essas árvores altas, exóticas, com um perfume peculiar, bastante característico.

O caminho dos eucaliptos é conhecido por todos que frequentam ou frequentaram a FCT - professores, funcionários e alunos - e permanece na memória daqueles que o atravessam ou que um dia o atravessaram. Fica na lembrança. Uns lembram do caminho em função das árvores mesmo, com seus troncos altos que direcionam o olhar para o céu. Outros guardam na memória o perfume de suas folhas. Outros se recordam dele pelo percorrer diário, durante alguns anos, pontuado de conversas, de amizades, de pensamentos. Outros, ainda, pelo som dos pássaros cantando ao longe um trecho da valsa “Vozes da Primavera” de Strauss, ou das maritacas logo adiante, no fim da tarde, em outras árvores que eu costumo chamar de “passarinheiras”, porque atraem muitas aves que compõem um verdadeiro coral de trinados.

Por volta das 17h30, uma professora me contou que os passarinhos estão voltando para suas casas num espetáculo aéreo, de árvore em árvore, de voo em voo, que se pode observar do caminho dos eucaliptos na direção das árvores passarinheiras. Se olhares ao redor, verás também o bem-te-vi, que pousa na grama, pousa na luminária, canta, voa, pousa em um galho e canta novamente - Bem-te-vi!

E assim fazem muitos outros pássaros, nessa festa de cantoria, gorjeios e passeios pelo ar em volta do caminho dos eucaliptos ao entardecer na UNESP de Presidente Prudente. Há dias mais quentes em que o cair da tarde e o início da noite são mar-

cados fortemente pelo barulho das cigarras e de outros insetos. Se fecharmos os olhos teremos a impressão de que o campus se torna uma floresta nesses dias.

Lembrando ainda das aves, quem não viu o tucano, tão lindo, que às vezes quer entrar nas salas e bate no vidro da janela chamando atenção para sua beleza? E há também um pássaro que ninguém consegue ver porque se camufla nas árvores, conforme me contou a mesma professora que fica observando os passarinhos voltarem para suas casas no final do dia. Este último se chama “urutau” e costuma cantar à noite, quando o campus está deserto.

Tudo isso fica guardado em nossa memória - paisagens sonoras, paisagens coloridas povoadas por pássaros bem brasileiros, paisagens de árvores nativas e exóticas, como a jaqueira, a mangueira e os eucaliptos, é claro, que permanecem em nossas lembranças e ao longo do caminho de quem vem e de quem vai, de quem acaba de chegar ou está indo embora para descobrir outras paisagens, outros caminhos e constituir novas recordações.



Sobre amadurecer e coragem para a tomada de decisões aos 18

Maria Clara Rodrigues de Souza

Era de tarde, Laura, uma jovem de 18 anos, acabou de sair do seu trabalho numa lanchonete da sua cidade. Laura sabia que aquele trabalho era fundamental para ela, e que não podia perder pois era fundamental, no complemento da renda da casa. Ao chegar em casa, ela dá o seu salário para a mamãe, era dia de feira, seus pais saíram e Laura ficou em casa cuidando de seus irmãos. Ela olha o celular e vê o horário: são 17 horas. Ela vai então pegar um livro dentro do guarda-roupa para ler, tentando manter-se calma. Chega uma mensagem no seu celular, era sua amiga perguntando se o resultado do vestibular tinha saído, Laura não responde e afasta o celular.

São 03h30 da manhã e a jovem já soltou o lençol do seu colchão. Tamanha inquietação, seus olhos vermelhos, resultados de alguns minutos de choro, ela vai até a cozinha e toma mais um pouco do chá de camomila, feito na noite anterior e então volta a sua cama e tudo silenciou... Ela acorda na manhã seguinte, toma um banho e vai ao trabalho. Chegando lá, come um lanche rápido que estava na cozinha e vai arrumar o local. Depois de atender algumas mesas, ela vai conferir o celular que estava vibrando em cima do armário. Era sua irmã querendo saber o resultado do vestibular. Ela disse que estava ocupada e depois conferia. A verdade é que ela estava com medo.

Depois de relutar em abrir o site, ela finalmente descobre que passou. Mas sentiu ao invés de uma felicidade e satisfação, sentiu medo e arrependimento...

Ao chegar em casa e sua família queria respostas sobre o resultado, ela então entrega o celular para a mãe que vê o nome da filha na lista de aprovados. Ela mostra um sorriso radiante para a filha, mas que depois some ao olhar para o rosto aflito de sua filha.

- Mãe eu vou para longe de vocês, como consegue ficar tão feliz, sabendo que terei que abandoná-los?

A mãe dá um sorriso compreensivo para a filha, e diz:

- Minha querida, é um orgulho saber que você não estará aqui perto de nós para ir em busca de um futuro diferente do nosso.

As duas se abraçam, e Laura lembra de quando criança, ao ver sua prima sair de casa para ir para outra cidade, Presidente Prudente, para estudar na UNESP. Lembrou-se de um pensamento, de que quando maior ela iria ser uma pesquisadora, uma professora, uma geógrafa.

Anos depois, já formada e atuando como professora e pesquisadora, ela recebe uma chamada de sua mãe dizendo para ela receber a sua irmã que estava de malas prontas para a sua casa, pois agora, da família, ela iria ser a segunda UNESPiana.



A lista escondida

Maria Júlia Marega Postinguel

Caminhando despretensiosamente, ouço murmúrios por todos os lados, risadas e lástimas sobre o semestre cansativo. Mas aquilo que passa despercebido é o que importa, aquele barulho que ouço apenas no silêncio, aquilo que as paredes me contam, que apenas as rachaduras do tempo me confidenciam.

Quando olho para cima vejo aquela faixa “65 anos de FCT”, claro que serão homenageados os fundadores da universidade, aquelas pessoas que encabeçaram o projeto. Me pego perdida em devaneios, imaginando onde estará, na longa lista de homenagens, aquele que colocou o primeiro tijolo, que fez o primeiro alicerce do primeiro prédio construído. Pode parecer redundante, mas é a realidade que assombra meus pensamentos enquanto olho para cada parede, ouvindo os sussurros de história encrustados em cada tijolo.

Volto novamente minha atenção para cada uma daquelas pessoas, pensando na trajetória percorrida para estarem onde estão. Cada olhar traz consigo a marca de uma noite mal dormida, cada lágrima escorrida por uma prova pouco satisfatória. Será que vale mesmo a pena se desdobrar e tentar encaixar sua capacidade em uma nota? Para eles é notório que vale sim, já para mim é irrelevante. Não acredito ser justo resumir meses e meses de esforços em um único número.

Continuo minha caminhada sem um rumo fixo, levando a mente o mais longe possível, tentando ao máximo imaginar a quantidade de pessoas que compuseram a história, não apenas os que realizaram obras diretamente aqui, mas sim aqueles que passaram por essas terras, em tempos onde tudo era diferente. Eles também deveriam fazer parte da lista. As mãos que tocaram o solo, os pés que pisaram na grama e os corpos que brotaram do seio da terra são totalmente relevantes para o que temos hoje.

Sinto que se continuar com esses inúmeros pensamentos, vou enlouquecer. Resolvo voltar para casa e focar na minha própria história, construir o meu próprio caminho e quem sabe um dia, fazer parte dessa longa lista, sendo ela a que homenageia em público ou a que ecoa pelos muros, sofrendo pelo silêncio imposto. Mas francamente, espero estar no eterno silêncio, aguardando que algum ouvido da alma ouça o meu grito.



A superstição dos coqueiros

Vítor Luciano Iwahara Silva

06 de março de 2023, primeiro dia de aula na faculdade, estava na van a caminho de Presidente Prudente para começar essa nova etapa da minha vida. Minha cabeça estava a milhão, estava ansioso pensando em como seria, quem eu conheceria e se seria difícil como muitos estavam falando para mim. Também estava nervoso com o famoso “trote”, não queria que raspassem o meu cabelo. Em meio a tantos pensamentos, a van parou, havia acabado de chegar na UNESP, local onde eu começaria a cursar matemática.

Desceram eu e uma menina que fazia pedagogia, eu não sabia onde ficava o Anfiteatro 5, a recepção aos calouros aconteceria lá, perguntei para ela e ela disse que ficava no mesmo bloco de aulas onde ela estudava, fomos juntos e no caminho ela foi me mostrando a faculdade, passamos por outros blocos de aula, pelo caminho dos eucaliptos, pela praça da geografia e de repente ela fala: “Não passa por aí!”, eu estava indo na direção de uns coqueiros, parei e perguntei porque não, ela respondeu que quem passava embaixo deles reprovava no final do semestre, na dúvida achei melhor não passar, desviei e chegamos ao bloco 5, cada um foi para a sua sala.

Na sexta-feira da mesma semana, os veteranos do curso de matemática foram apresentar todos os prédios da faculdade para nós, ao passar por esses coqueiros eles pararam e também falaram para não passarmos embaixo deles, alguns até disseram que passaram e reprovaram em algumas matérias. Eu não sou de acreditar em superstições, mas, com todos falando a mesma coisa, estava começando a acreditar nessa.

Eu vejo esses coqueiros todos os dias, eles ficam no caminho para o bloco onde eu estudo, e sempre que eu passo por eles fico me perguntando se essa “maldição” realmente é verdadeira, todos que eu vejo no caminho desviam deles, para quem eu pergunto sobre eles falam que esse mito é real.

Porém em um dia, estava indo embora, distraído, conversando com as pessoas da minha sala e quando vi... tinha passado embaixo deles.

Agora é esperar o final do semestre, e torcer para que isso realmente não passe de um boato.



Como folia carnavalesca

José Rubens Ribeiro Shirassu

A humanidade não para de se divertir com grandes pilques tomados, subvertendo a ordem natural das coisas e colocando na árida rotina do cotidiano um pouco de lirismo, humor e poesia, e matéria-prima da vida simples, divertida, lírica, calma, de uma turma solidária, que sabia, principalmente, viver as coisas boas e, em certos momentos, refletir sobre o contexto que vivenciavam.

Em 1980, ao chegarem ao bar da UNESP, as pessoas saíam da gravidade burocrática, atiravam a máscara fora e passavam várias horas dizendo bobagens, xingando aqui, pagando rodadas de cervejas, cantando acolá. Não éramos mais a disciplina, a correção, a lei, o regulamento. Éramos os coristas inebriados pela alegria de viver. Evoé, Baco! Como a folia carnavalesca, o grande burburinho dos frequentadores do bar da UNESP é que nos tirava do espírito as grandes preocupações da nossa árdua vida. Delicioso esquecimento! Bar é vício. Feito paquerar a cunhada, passar a mão na mulher do amigo, beijar no elevador a colega de trabalho: começa leve, mas deixa cicatrizes profundas.

Mas, prudentino como paulista gosta de papo furado, né! E aquele bar tornou-se uma de nossas praias. O superpoint cult daquele período. Naquele espaço de luzes concisas, a fina nata pensante desfilava suas pérolas nesses metros de areia, ferro e concreto. Ao fundo, a música dos violonistas Mitio e Guto Crepaldi. Todos os assuntos eram comentados, todos os boatos lançados e nem se chegava a alguma conclusão. Quem não queria participar, valia a pena ficar olhando. Tinha um público bem restrito. A praia do prudentino tem dessas coisas. Nessa praiazinha bem próxima da gente iam “enturmados” e “descolados”.

Lá você não só encontrava pessoas saudáveis, bonitas e jovens, uma minoria trabalhava e ganhava um dinheiro no sufoco. Universitários da UNESP, profissionais liberais, fotógrafos, gráficos, artistas visuais, músicos, pseudo-intelectuais, “patricinhas” e “mauricinhos”, esotéricos de butique, neo-hippies, roqueiros, dragões, peruas, na maior democracia.

O bar, com um pouco de exagero, foi um entreposto de todas as motivações humanas. Poetas – reaparecidos pela primeira vez depois do mimeógrafo – tentavam sobreviver do naufrágio, apertando-os contra o peito, originais que nunca seriam publicados. Foi uma época de facilitário poético, com um crédito de esperança a perder de vista. Não se fechava a porta da glória a ninguém. Todas as estradas do país se entrecruzavam naquele bar, que ainda guardava embrulhos e recados. A geração tomava batida com fervor e a esquerda festiva punha seus ovos nas banquetas de madeira.

Mas depois o bar morreu, e de seu túmulo surgem os espelhos, os mármore, os painéis históricos e as recordações junto às lamentações das fotos não registradas. O tempo trança e destrança os velhos frequentadores, cúmplices de um espaço, de duas ou três anedotas, de uma canção dissipada em dias e semanas, cúmplices de uma certa mistura de luz e sombra. Então os velhos convivas são como peixes desentocados, e o bar antigo perde suas arestas, suas escamas pontiagudas, seus vômitos repugnantes. Ali, os amigos foram mais amigos, os inimigos mais inimigos, as mulheres mais compreensivas, e a vida tinha um programa.



Crônica anatômica na sala de aulas da FCT/UNESP

Raul Antonio Fragoso Neto

Há muitos anos, um antigo e recentemente falecido mestre de Anatomia proclamou em um Congresso nessa área: “Anatomia rima com poesia”. Conheci-o rapidamente nesse evento científico pois seus livros de Anatomia Humana são dos mais difundidos nas faculdades de Medicina e demais áreas da saúde, inclusive adotados por mim aos discentes de Fisioterapia e Educação Física por três décadas na FCT/UNESP. Duas outras obras (Descomplicando... Anatomia Clínica; Descomplicando... Neuroanatomia Clínica), de menos circulação acadêmica no Brasil, chamou-me muito a atenção e é a razão desta crônica, com o objetivo de estimular nosso alunado a estudar de maneira descontraída e divertida os conceitos e estruturas anatômicas com um enfoque funcional e clínico na difícil arte de ensinar e aprender a forma (morfologia ou anatomia) e a função (fisiologia) do corpo humano.

Sabe por quê? Porque já sabia, desde que me bacharilei e licenci em Ciências Biológicas, que ensinar e aprender tornam-se mais prazerosos se unirmos o objeto de nosso magistério com a arte em suas múltiplas modalidades (desenho, pintura, escultura, música, etc.). Mas ainda, o aprendizado se fortalece no aprendiz quando este é motivado a construir seu saber por meio da prática, junto com uma boa dose de ludicidade e comicidade.

Para tanto, podemos (e devemos) lançar mão dos livros, apostilas e atlas de Anatomia, inventando histórias, narrativas orais ou escritas, criando frases do tipo anagramas, metáforas, historietas cômicas e regras mnemônicas que provoquem o aluno a raciocinar que termos anatômicos difíceis ou complicados não devem ser pura decoreba. Quero terminar essa proposta por meio de uma narrativa intitulada “TONSILA CASADOURA” (espero que gostem):

“A dona Amígdala, cansada de ser a porteira da entrada da boate “Istmo da Garganta (Fauces)”, resolveu namorar o Barman por sobrenome SILAS, que concordou em casar com a “TON” (como ele carinhosamente a chamava), mas com uma condição: a de que TON tivesse como suas madrinhas de casório suas irmãs

chamadas de Amígdalas Lingual (moradora da Vila Raiz da Língua) Faríngea (residente na Vila Faringe) e Tubária (oriunda da Vila Tuba Auditiva), as quais prontamente aceitaram, desde que dona AMÍGDALA continuasse morando em sua bela casinha, cujo bairro denomina-se PALATO. Final feliz: dona Amígdala casou-se com SILAS e gostou tanto do seu apelido TON que passou a ser a Madame TONSILA PALATINA, não só por continuar morando no Palato, mas porque suas irmãs ganharam também novos nomes carinhosos com a aprovação de SILAS, a saber: TONSILAS LINGUAL, FARÍNGEA e TUBÁRIA. Estas valorosas guerreiras se tornaram protetoras da boate “Fauces” ou “Istmo da Garganta”, protegendo-a juntamente com a Madame Tonsila Palatina que também ganhou uma aliança de casamento cognominada ‘Anel linfático da faringe’, em homenagem ao seu papai Waldeyer, um nobre cientista alemão que fundou o Istmo das Fauces, ou garganta’. Por isso, meu assíduo leitor, que possamos ensinar com arte, pois, como diria o poeta Fernando Pessoa: ‘Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena’.”



Gramma e balas de coco

Maria Letícia Mantovani Alves

Hoje eu estava sentada dentro do ônibus a caminho da faculdade quando olhei pela janela e vi a grama no chão chacoalhar-se por conta do vento que tocava suas extremidades. Parecia um evento simples e banal, uma singela ventania que inundava a grama como qualquer outra superfície que se encontrasse leve o suficiente para ser levada com o vento, como meus cabelos ou até mesmo as asas das aves no céu. Mas não aquela grama.

Quando a avistei, de dentro da janela, notei a delicadeza de seu movimento. O som que elas faziam, associado com a dança flutuante das folhas me lembraram de um tempo bom. Um tempo simples.

Me recordei de quando eu era mais menina – porque considero-me uma ainda – e as tardes do segundo sábado do meu agosto eram dedicadas a preparar com carinho e felicidade os pacotinhos de bala de coco para meu aniversário. Elas chacoalhavam-se com a grama verde no chão. Aquilo era um evento. Era o meu evento. Minha mãe fazia questão de deixar claro que era meu dia, um dia único e especial dedicado exclusivamente a celebrar minha vida.

Eu nem gostava tanto assim de bala de coco. Preferia os brigadeiros, as coxinhas e o pula-pula, do qual eu não me soltava até o dia em que o moço fosse lá desmontá-lo. Preferia os presentes com a minha cara. O afago dos avós, que sempre me entregavam um dinheiro amassado num papel presente, escondido dos demais primos para não causar alvoroço. O beijo na testa do pai, que me segurava no colo na hora do com quem será, não, essa é a minha garotinha, de mais ninguém. O carinho da mãe manifestado no sorriso ao servir cada uma das 20 convidadas infantis, nas fotos que ela tirava em frente ao painel de princesas e do fim da festa, em que nós duas nos debulhávamos nos presentes e eu lhe contava cada detalhe da festa, na minha perspectiva infantil. As bochechas coradas e os pés sujos de passar a noite brincando, os cabelos emaranhados e a manha para tomar banho depois de tanto suar, como se o banho marcasse o fim do dia especial, o dia da minha vida.

A natureza do mundo lembrou-me a minha própria natureza. A delicadeza da vida me fez refletir sobre quão delicada são as lembranças.

Tão doces quanto balas de coco.

Hoje a vida adulta me faz esquecer das pequenas delicadezas. Os dias de semana passam tão devagar quanto a espera pelo dia do aniversário, e o dia do descanso se esvai como a noite da festa.

As responsabilidades não são mais cuidar dos presentes que a tia me deu. Agora eu administro, sozinha, toda a vida. E aí de mim se não tiver cautela.

O frio na barriga foi substituído pelo coração palpitante diante de uma reunião difícil.

O afeto de quem me ama foi substituído pelo orgulho eminente sobre quem me tornei, o que me aproxima do fracasso da expectativa.

As músicas infantis foram brutalmente trocadas pelas exigências obsoletas de uma vida em busca do dinheiro, que agora, embora seja em maior quantidade, não tem o valor que tinha aquele que a vó me entregava em prece.

O que me acalenta é a memória boa do passado tão próximo. Não de modo temporal, mas próximo do coração.

A lembrança da infância me aproxima do meu ofício do futuro. A criança que eu fui vive ansiosa pelo amanhã incerto.

Ainda sou aquela menina sonhadora, só preciso cuidar dela com tanto carinho quanto os pais no dia do aniversário.

Ela está aqui. Ela quer brincar. Ela quer ver a adulta que ela se tornou.

Ela quer dançar, quer sorrir.

Quer sentir a náusea gostosa do alto da cama elástica.

Quer comer brigadeiro escondido antes do parabéns.

Quer rir até cair para trás. E saber que estará segura, pois firmou-se em si mesma.

Quer proporcionar às então crianças o mesmo sentimento que lhe foi proporcionado: o amor de quem vê com amor a infância.



E sentir na pele a doçura da inocência.
Tão doce quanto as balas de coco.
Tão leve quanto a grama vista de dentro da janela do ôni-
bus, a caminho do futuro, que a fez sentir orgulho do passado.
De quem é, de quem foi e de quem será.



Histórias que cruzam e entrecruzam

Tiago Rafael dos Santos Alves

No decorrer de minha primeira graduação, em história (2008-2010), eis que discutia junto a minha orientadora qual o tema a ser abordado. Como todo estudante da área, logo vieram os temas mais clássicos: Idade Média, Brasil Colonial, História Regional etc. Mas, entre uma conversa e outra, surgiu a ideia de se pesquisar sobre a história da instituição onde cursava tal graduação.

Algo inédito até então, nem mesmo a própria instituição tinha algo relatado sobre a sua história. E este foi o primeiro desafio. Mas, como toda pesquisa exige, havia a necessidade do projeto de pesquisa, bem como, todas as suas etapas e eventuais referenciais a serem utilizados.

Um estudo de caso seria a melhor opção. Definidos os objetivos, problematização, hipóteses e claro, os recursos metodológicos. No entanto, em meio a rotinas de pesquisas e buscas de referências para embasamento do texto, constatamos que tal faculdade emergia dentro do contexto de expansão dos Institutos Isolados de Ensino Superior, nas décadas medianas do século XX, no período militar.

Sob orientação de minha orientadora, passei a ter contato com a história da FCT/UNESP, por meio da Profa. Eunice Ladeia Guimarães Lima, a qual fora orientada pela Profa. Dra. Arilda Inês Miranda Ribeiro, onde produzira a tese de doutorado: A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente – 1959-1976 – Gênese da FCT-UNESP.

Confesso que, para um estudante de graduação, oriundo da Rede Pública, a leitura de uma tese de doutorado, não soava muito bem, afinal ainda cursava o primeiro ano. Muitas vezes, as páginas lidas e relidas inúmeras vezes, algumas delas com apoio da minha orientadora. Mas, a leitura após algum tempo fluiu.

Por incrível que pareça, os temas conversavam e se entrelaçavam de algum modo, tendo em vista o período considerado, em especial, a Ditadura Militar e a criação de novas legislações educacionais que vieram posteriormente ampliar a oferta de mão-de-obra técnica e profissionalizante, bem como a expansão

do ensino superior para o interior do Estado, bem como as “mazelas políticas” implementadas pelas lideranças políticas locais, estaduais e mesmo federais.

Bom, em meio a leituras diversas, entrevistas, fontes e mais fontes pesquisadas, consegui finalizar o meu “TCC”, onde fui aprovado com a nota máxima, além de conquistar algumas premiações com tal trabalho. E pelo que sei, ainda é a única referência sobre a história de tal instituição.

Anos mais tarde, para a minha surpresa, acabei conhecendo a Profa. Eunice, justamente em um evento literário, onde tive a oportunidade de lhe relatar sobre o uso de sua tese e tê-la como referência em meu trabalho.

E como se não bastasse, há alguns anos, tive a grata satisfação de ingressar em um dos cursos de pós-graduação strictu sensu da FCT/UNESP, e poder fazer parte dessa história, que um dia pesquisei em minha graduação.



Um salto em direção a mim mesma

Julia Martinelli Pereira Santos

Ansiedade. É essa palavra que sintetizava meu estado no último ano do Ensino Médio. Em plena transição da adolescência à idade adulta, sentia um grande estresse em função das exigências. Vivia envolta em descobertas, anseios, escolhas e desafios, tendo como consequência marcante minha reestruturação psíquica. Num processo de conquista da autonomia, o futuro se colocava como uma interrogação, sendo objeto de constante questionamento. Para onde irei? O que eu farei? Confrontando minhas metas e sonhos com as dificuldades da realidade, era tomada por sentimentos negativos como indecisão, insegurança e medo. O jovem, na puberdade, reconstrói seu universo interno e cria relações com o mundo externo, sofrendo uma espécie de metamorfose física e emocional. Porém, eu estava realmente pronta?

Reconhecer dentro de si mesmo os diferentes sentimentos e reconhecer que não se é perfeito, exige uma mentalidade bastante forte e flexível, capaz de suportar conviver com a própria fragilidade. Mas, movida pela reflexão acerca do que posso vir a ser, busquei integrar minhas experiências passadas, desenvolvendo a consciência de ser autora do meu próprio destino. Ou seja, não poderia simplesmente esperar, então me desafiei a definir um projeto de futuro – era momento de avançar. Tendo isso em vista, busquei consolidar rapidamente opções que integram profissão, formação e emprego, acrescentando ainda as escolhas afetivas. Logo, precisava de um propósito para minha vida profissional e acadêmica, já que não é somente o que se quer fazer, mas aquilo que se deseja ser.

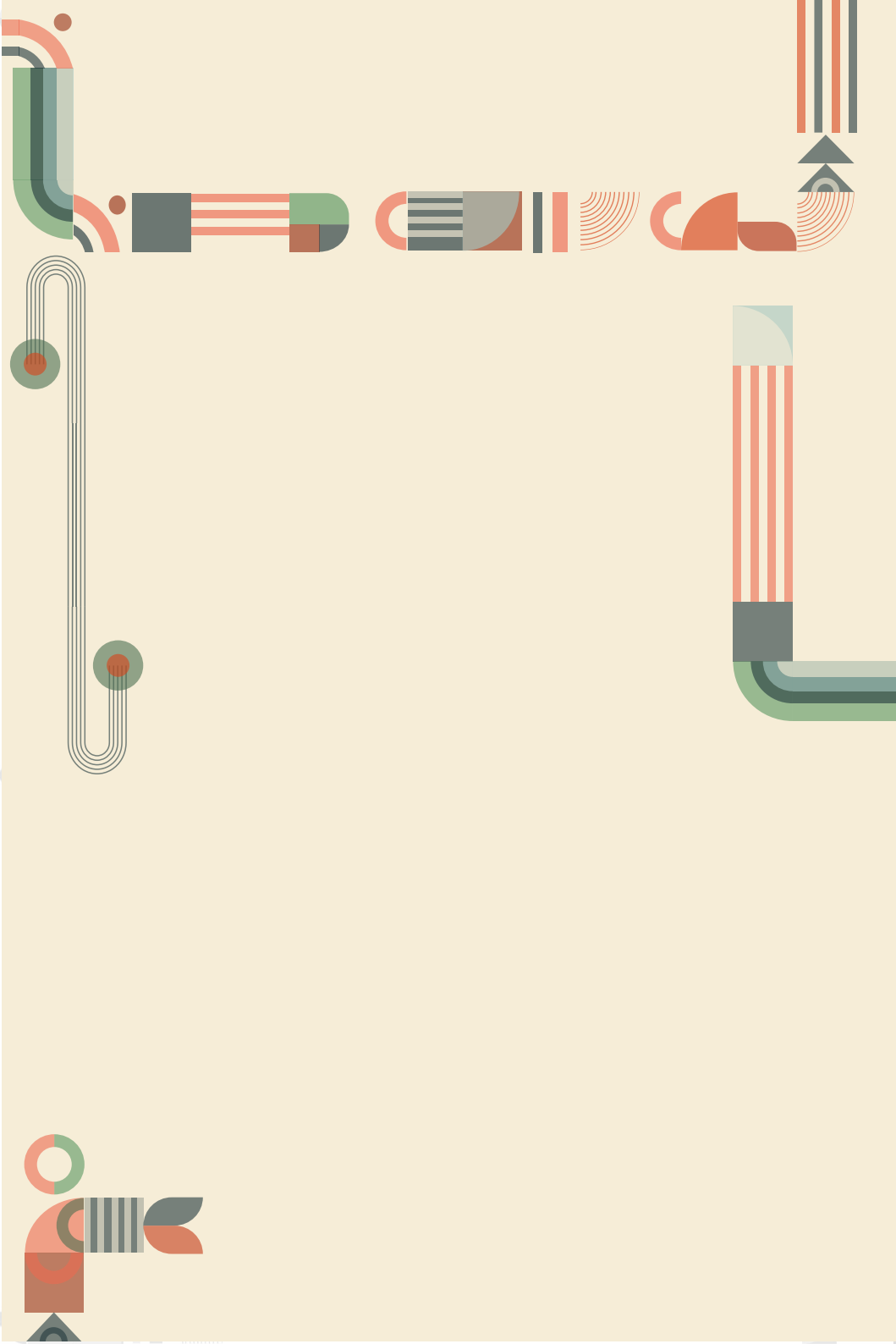
Ensinar Matemática. Tal ação que perambulava nos meus pensamentos. Entretanto, é necessário ressaltar que não me referia a mera imposição e apresentação de informações, mas sim do desenvolvimento gradativo de saberes, um encorajamento para que faça uso de sua própria razão, tanto em seu uso teórico quanto prático. O educador é uma “profissão do conhecimento”, baseada no compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes aos alunos. Esse, portanto, era e é meu

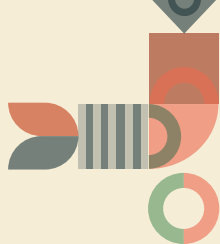
propósito: através do conhecimento, conseguir transformar a sociedade. Ingressar na faculdade era o primeiro passo para realização dessa utopia.

Considerada como uma das melhores universidades da América Latina, por sua atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à comunidade, a Universidade Estadual Paulista (UNESP), uma instituição pública, acabou sendo minha primeira opção para prosseguimento com os estudos na ciência matemática devido, principalmente, às falas e aos incentivos de diversos professores. Apesar dos poucos meses vivenciando-a, tudo é gratificante e enriquecedor: a universidade é, necessariamente, uma comunidade pensante, palco para desenvolvimento do espírito crítico e do julgamento próprio. Está na sua essência pensar o futuro diante de novas realidades e, enquanto estudante trazendo na mochila um mundo de sonhos, com grandes expectativas, em uma “paciência inquieta”, renovo minha esperança para o futuro, pois agora sei meu caminho – que é muito mais importante que tentar acelerar o processo.

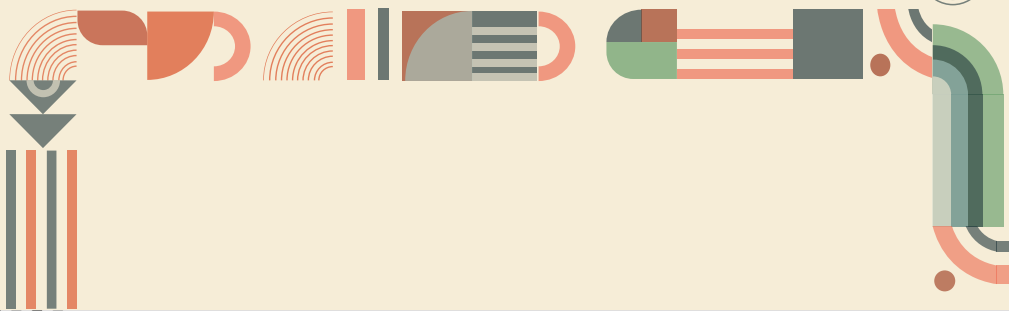
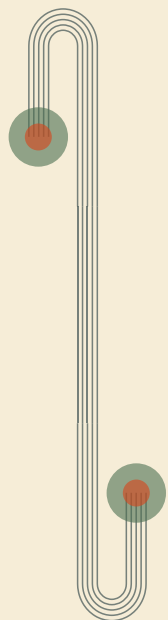
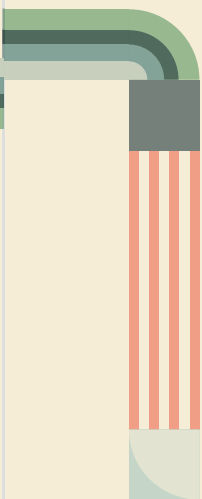
Pensar em si mesmo, nas suas aspirações e vontades, parece simples, mas não é fácil, especialmente em um ambiente familiar conservador e imperativo que, de modo geral, é o palco em que se vivem as emoções mais intensas e marcantes da experiência humana: um ambiente onde sentimentos intensos e contraditórios convivem de maneira mais ou menos harmoniosa. Equilibrar tais situações torna-se complicado num período de aquisições fisiológicas, sociais e psicológicas que, muitas vezes, entram em choque com as crenças, regras e padrões desde cedo desenvolvidos.

A descoberta de mim mesma (o que sou, o que esperam de mim, que papéis desempenho, etc.) resultou em vários problemas. Contudo, o conjunto de elementos que percebo, penso e acredito fazer parte de mim, constitui minha individualidade. Por isso, não me arrependo do meu “grande salto para vida”. Não é o fim, é apenas o início da minha jornada.





POEMAS





Você é um pouco FCT?

Vitor Rodrigues Blanco

Antes um lugar estranho.
Agora uma caixa de joias
que guarda muitas histórias,
as histórias do meu crescer
e de como me fiz assim, um pouco FCT.

O que antes via matagal, vejo paisagem;
o que via lugares, vejo territórios;
o que via pessoas, vejo corpos e o espaço;
naquilo que não sabia, vejo afetos;
e o que achava ser comunismo, acho agora ser comunhão.

O coração palpitou e palpitará
em momentos onde tudo era possibilidade
quando todas as histórias tinham só começo,
toda fantasia poderia ser verdade.

E deste local onde eu plantei meus sonhos,
reguei com a minha juventude
e vigiei com o meu coração.

Sairei no ano que vem com meus frutos, mas deixando para trás
intensas paixões, que se juntarão a muitas outras histórias, tor-
nando este solo ainda mais fértil a sonhos futuros.



Função social

Felipe Andrade Farah



O aluno é um candeeiro,
Sua luz denota vida.
O caminho é certo,
Estudar é sua sina.

Sem luz não há vida,
Sem vida não há vitória,
Com o coração se faz poesia,
Com Educação se faz história.

O tempo o vento levou.
Pra lá de um diploma formal,
Para o aluno, o que ficou?
Sua nobre função social

E se quiser, leitor, saber se ando estudando,
Digo que sim!
Não por um compromisso.
Mas, pelo meu espírito,
Há uma chama em mim.





Pendular

Suzany Cristina Vicente da Silva



Traço minha geografia pessoal olhando as fotos,
percebo o privilégio de se envelhecer só o espírito,
luxo não hereditário, outro tipo de herança,
a coletiva.

Linhas que contam no rosto de outras mulheres
questão de gênero, classe e outros recortes.

A marcha do país delineando minha genealogia
— alagoana com mineiro, paranaense com baiano —
caminhos que me trouxeram aqui,
filha de um hegemônico Sudeste fruto da ficção Nordeste.
Hoje migrante pendular na fome de ser.





Amizade

Felipe Andrade Farah

Amizade é luz que perdura,
É amor convertido em eternidade,
É saúde mental para qualquer idade,
É pertencer ao outro sem deixar de voar.
É um partilhar constante até saciar,
É estrela cintilante que aquece, une e dá vida,
É dos deuses a virtude preferida
Que penetra no coração aquecido,
E até mesmo esquecido, escuro, impenetrável,
Ali fecunda, germina, brota, floresce.
Rumo à luz do dia cresce
Sem caminho de volta,
Sem olhar para trás.
A distância já não se faz eficaz.
No peito a amizade,
Na mente a razão
Para que, na falta de um, o outro supra
Ponderando o coração!
E à UNESP dedico este poema
Pelo encanto de cada sarau,
A cada amizade ali recebida,
Por fazer de nós da Terra o sal.



Noite de sarau

Felipe Andrade Farah

A noite está posta
Com direito a baile de estrelas
Que cintilam poesia.
É noite de sarau na UNESP
E a Ciência paira no ar
Pronta para comprovar utopias,
Concretizar sonhos,
Materializar ideias.
Pelos corredores, seres de corações aquecidos,
De almas afins, ávidos para se encontrar.
No teatro, está tudo arrumado:
Microfones, cabos e violões.
O palco está pronto.
A arte está viva.
Ciência e arte se reencontram.
Estudantes e professores se revelam,
Cantam, tocam, recitam...
Feito crianças alegres multitalentosas e festivas,
Sem preconceitos em unir Ciência e arte.
A cada sarau, espírito renovado!
A cada sarau, a saudade
Do tempo de aluno,
Da época de república,
De rever os mestres!



Siri

Lúcia Iaciara da Silva

Em pequenos passos aprendi meu espaço, ainda criança de tudo,
Arrodeei a quadra da UNESP,
Adentrei o Discente,
Eu me construindo ao choque e intercâmbio de tantos outros.
Lembro das passagens humanas, marcantes na Faculdade de Ciências e Tecnologia...
Mas a vida de um serzinho serelepe me marca de modo especial.
Vi o cachorrinho Siri bater à porta para assistir às aulas,
Estudava muito mais que muita gente,
E vi a passagem dos anos em sua pelagem preta com os salpicados de branco.
Os cursos de humanas ganhavam mais humanidade com sua presença.
Haviam os cofrinhos no “Xerox” para dar suporte a ele, em seu tratamento de câncer,
“Ele era de ninguém e era de todo mundo (e todo mundo era dele também).”
Havia nele qualquer coisa de alma de vereador de município pequeno;
Conhecia a todos, frequentava bem o campus;
Era mais chegado dos alunos da moradia estudantil,
Tinha uma vida social agitada a despeito da pequenez de seu corpo
E dos calombos que já carregava.
Tantas vezes parecia sorrir...
A doçura de quem levantava a cabeça para ouvir o professor,

Mas também o cansaço de quem se retirava da aula antes desta terminar.

Um dia morreu o cachorrinho... a notícia pesou,

Foi aí que o corpo discente e (docente) de Prudente mais notou...

Notou que os lugares pulsam vida e identidade a partir daqueles que ocupam e o significam,

Seu corpinho canino morreu e deu lugar à lembrança, uma espécie de patrimônio UNESPiano. (Siri ainda vive, enquanto houver lembrança...)



FCT/UNESP: Uma história construída por muitas mãos

Tiago Rafael dos Santos Alves

Em fins da década de 1950,
Um Instituto Isolado de Ensino Superior emergiu,
Localizado na Alta Sorocabana,
No extremo Oeste Paulista se constituiu.
Esta era a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras,
Que Presidente Prudente assim a viu.

Com seus primeiros cursos,
De Geografia e Pedagogia,
Com o passar do tempo,
O crescimento chegaria,
De Instituto Isolado,
Em Autarquia se transformaria.

E como uma Autarquia,
Em pouco tempo veio a conquista,
Recém-criada pelo Governo Estadual.
Nascia a Universidade Estadual Paulista,
Sob o nome de IPEA,
Em Presidente Prudente passou a ser vista.

Mas, as mudanças não pararam,
Em FCT o IPEA se transformou,
E, nos anos seguintes,
Novos cursos incorporou
No ensino, pesquisa e na extensão.
A FCT/UNESP assim despontou



E, nos seus 65 anos de vida,
Inúmeras pessoas fizeram a sua história,
Gestores, professores, funcionários e alunos,
Deixaram cada um, seus traços de maneira meritória,
E a mim, um destes ex-alunos, que também fiz essa história,
Coube, ao menos, retratar parte dessa trajetória.



Ventos do oeste

Nicole Christina Souza

Ventos do oeste me trouxeram para cá.

Tão rápido, mas vejo as coisas em câmera lenta agora.

Me diga para onde as experiências que tomei nesse lugar vão me levar...

Levarei você como uma lembrança, memória

A ser sempre lembrada.

Os ventos que me trouxeram são os mesmo que me puxam de volta para casa.

Me diziam que o mundo era grande demais, além da minha imaginação;

Mas ela é infinita maior que esse mundo,

Que as experiências que recebi, pelo conhecimento que adquiri.

Me levem para onde devo ir.

Assim como os ventos do oeste que me trouxeram para cá,

Me façam voar para um mundo, para o mundo.



Versos sobre mudanças

Maria Clara Rodrigues de Souza



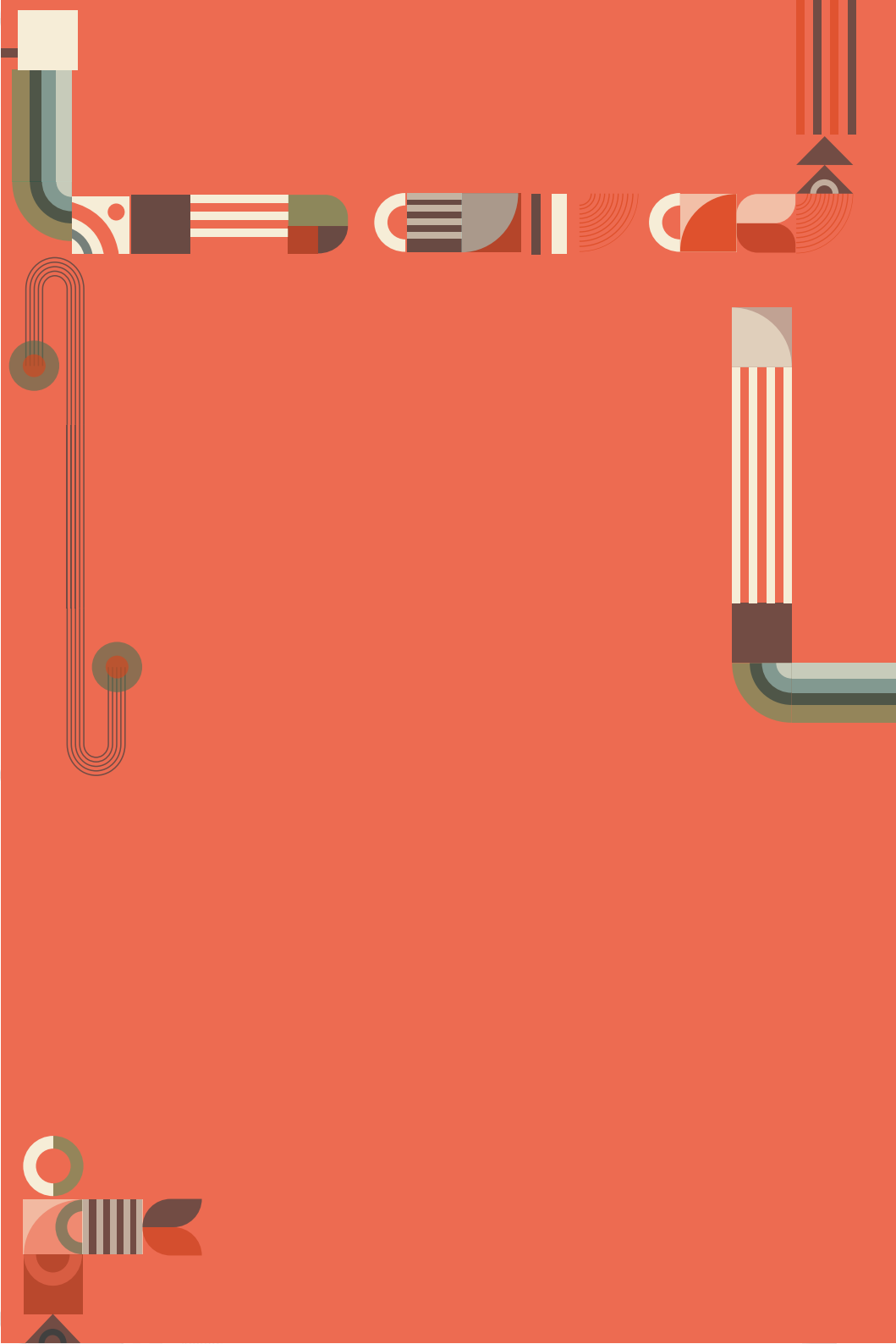
Lembro da aflição quando dei o primeiro passo.
Não imaginava o que iria acontecer posteriormente.
Pensei que não ia conseguir, mas foi diferente.
Às vezes a gente sofre antes do tempo, né?
mas penso que é normal, afinal...

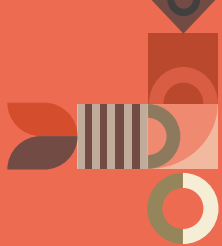
Quando conheci esse lugar, um sentimento diferente surgiu.
Era como se eu pudesse ser livre para expressar minhas ideias.
Aquele campus, cheio de esperança e energia,
De verdes e árvores coloridas, que dão vida.



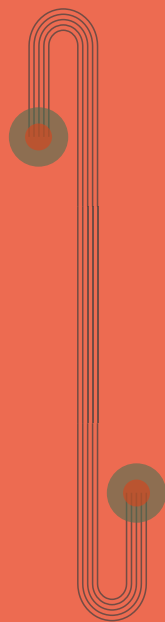
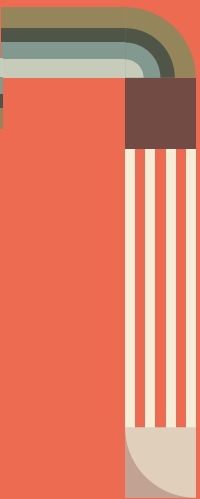
Uma porta se abriu, em minha mente:
Agora será diferente,
Pois estarei aberta aos desafios e a descobrir quem eu sou
E, como uma romântica que sou,
Viver também um novo amor.







CRÔNICAS DE AUTORES CONVIDADOS





A jovem de 65 anos e a praça dos tamarindos

Eliane Maria Vani Ortega

Em geral, depois dos 40 ou 50 anos, começam a nos chamar de senhora. Alguns por puro ato de educação e respeito. Outros, porque nos vêem como pessoas não tão jovens e por isso parece estranho nos tratar por “você”. A senhora precisa de ajuda? A senhora pode entrar na fila de prioridades se desejar! Quando ouvimos essas frases, muito provavelmente passamos dos quarenta anos de idade cronológica, aquela que os homens inventaram para medir há quanto tempo estamos nesse mundo. Entretanto, há algumas pessoas que revolvem burlar a lei dos homens quando se faz necessário. Com 65 anos completos, a “senhora” que conheci não se classifica dessa forma. Segundo ela, nunca se sentiu tão jovem como agora e tem absoluta certeza que quando completar 70 estará mais jovem ainda. Vou chamá-la de “a jovem de 65 anos”. Talvez ela entenda que poderia ser apenas “a jovem”, mas estamos impregnados de definições e convenções culturais que me forçam a ficar inquieta com a atitude dessa jovem, ou dessa senhora de 65 anos que não concorda em ser classificada como uma pessoa idosa. Ela acaba de falar comigo num tom educado, mas em volume alto: JOVEM! Por que não? Para com essa baboseira de querer me classificar como algo que não sinto. Não sinto a idade. Vou dizer o que sinto. Vixe... ela entrou no meu texto. Ficou irritada. Me desculpe! Prometo que vou ouvir seus argumentos para esbanjar tanta juventude...e olha que eu já passei dos 50. Eu a conheci quando passava pela praça dos tamarindos por volta dos anos 90. Eu com 21anos. Naquela época não prestava atenção na praça dos tamarindos, apenas nas intermináveis listas de exercícios e nos pés de amora, que deixavam minhas mãos e boca roxas a ponto de apavorar as funcionárias da biblioteca quando eu retornava aos meus estudos com minhas amigas. Teve lista de Cálculo que experimentou a tinta roxa das amoras. Os tamarindos, consigo ver hoje, quando às vezes piso em algum bem maduro esquecido na praça. Mas não importa o “eu” aqui. Ela importa. Porque preciso entender porque se sente tão jovem, mais do que eu. Ela guarda histórias bizarras, surreais,

boas, inesquecíveis, tristes e alegres. Lembra de todas. Ela ajudou a formar muita gente, progressista, conservador, comprometidos com uma sociedade justa e humana, descomprometidos, indiferentes, militantes. Lembra das aulas mais admiráveis, mas também daquelas não passíveis de elogio. Ainda dança ao som da bateria furiosa, percorre o caminho dos eucaliptos, saboreia as mangas, e jabuticaba. Ela ainda recebe, todos os anos, jovens. As gerações mudam. Ela precisa estar pronta para a Alexia, para o ChatGPT, indivíduos ansiosos sem paciência para textos longos, jovens que precisam conciliar trabalho e estudo. Ai de nós se ela não existisse. Na pandemia, embora tivéssemos que explicar o tempo todo sua importância, ela demonstrou com todo o rigor de uma demonstração matemática que outras como ela também existem e por isso podemos contar com o líquido precioso que salvou e salva vidas. De nada! Olha ela aqui de novo. Nos seus 65 anos...com a memória impecável, lúcida, produzindo, formando, questionando, incomodando os negacionistas e a ignorância, ela está de portas abertas para atender aqueles que decidem buscar conhecimento e responder aos desafios do presente e do futuro, nunca se esquecendo de cuidar da praça dos tamarindos. Quem sou eu para dizer que não é jovem? Não me atrevo!



...quase humano?

Messias Meneguette Junior

As vidraças espelhadas são um misto de dourado e prateado! Os prédios incrustados em belos e verdes jardins. Árvores magníficas! Imediato encantamento!

Mas como meu querido? Você um jovem cartesiano! Contenha-se! Lembre-se: aprendizagem! Aproveite a universalidade presente! Sim, mesmo impondo-me devida contenção, devo manter arguta observação! O genuíno cartesianismo da matemática pura já cedeu lugar à matemática aplicada; os embates como vice-presidente no DA - IBILCE te levaram a rejeitar o purismo e trilhar o caminho da aplicação! Te impuseram ser apenas um matemático quase puro!

Os corredores da universidade, o entusiasmo dos alunos da jovem engenharia cartográfica, as muitas assembleias, os embates sempre bateram, melhor, sempre espancaram a vertente cartesiana; o menino deslumbrado com o encanto da UNESP Prudentina viu ao longo de seus 40 anos de FCT, seu cartesianismo se diluir com o tempo!

Intensa vida de amizades, futebol de salão, festas no DA com os muitos colegas dos três segmentos marcaram! Muitos vínculos então criados se transformaram em vida: amizades maravilhosas, aquela aluna em tudo especial-Amor-casamento, família, sensação de ser nativo, laços eternos! Carreira densa, muitos alunos de iniciação científica, formação pesada, obtida com teimosia e amplo apoio dos colegas foi o caminho para a famosa Universidade de Oxford.

Gritos internos sempre ecoaram: “instituição são os seres humanos!” A busca pela liberdade, a luta por uma construção social, o não ao elitismo sempre se fizeram muito presentes. Assim, o cartesianismo continuamente experimentava o moedor do cotidiano!

Os mais belos jardins de Prudente! A vida sempre me sorriando. O Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais alarga-se em Faculdade de Ciências e Tecnologia, fruto da visão e ação de queridos que tantos formaram como pessoas, o menino cartesiano incluso, todos ex-diretores que o antecederam!

O menino chega a diretor. A universidade buscava seu Ethos. Juntamente com as unidades menos prestigiadas, na verdade, aquelas mais periféricas, muito foi feito: o Fórum dos Diretores, o esquema de distribuição orçamentária, reforma administrativa, plano de carreira, melhoria da graduação, moradias e, localmente, várias especializações, embriões da pós stricto sensu, que surgiram fortes e continuam. Foi um período bastante estruturante. Germinaram a permanência estudantil e o programa de desenvolvimento profissional. Foi marcante a primeira reportagem da FCT no jornalzinho da UNESP: achados do levantamento arqueológico pré-alagamento da barragem em Rosana.

O sonho de ver e conviver com pelo menos 3000 alunos no querido e maravilhoso campus, ensejou árdua luta para se reaver cursos perdidos por época da criação da UNESP. O lado cartesiano ajudou de veras na criação de vários cursos, começando com a Estatística. A FCT orgulha-se de ser a unidade com a mais importante função social regional!

A construção do Ethos UNESP foi valorizada sobremaneira pelo desenvolvimento dos sistemas UNESP. “No meu campus antes era assim, hoje somos UNESP!” tornou-se um bordão corriqueiro. A metodologia colaborativa e pouco cartesiana utilizada, foi e ainda permanece, bastante aderente ao desenvolvimento de software livre! Menino, você acumulou bastante experiência nessa labuta, não?

Visitando os prédios de aulas, que se multiplicaram ao longo dos anos, vê-se ao fundo o bosque de angicos, o terracimento, o lago, enfim, a beleza da querida FCT, que, como o aglomerado de bambu, se dobra, mas permanece com seus nós e seus corpos flexíveis sem quebras. Sua cláusula pétrea é ser de qualidade e gratuita.

Houve progressos na instituição, reflexo do trabalho e abordagem das pessoas que nela estão diuturnamente. O melhor exemplo é a biblioteca, com seu belo prédio e acervo de excelência, uma verdadeira usina de energia humana que atrai a todos e

ao mesmo tempo faz permanentemente desabrochar a cultura e muitos talentos.

O deslumbramento inicial tão forte ainda permanece e, apesar de muitos dizerem que para ele tudo é matemática, a convivência com as humanidades em sua dialética e seus filósofos, de Vico a Merleau Ponty, sem esquecer os racionalistas, os da sociedade líquida e pós modernidade, mas também do pensamento complexo, bem como a convivência com a licenciatura, permeada pela nítida evolução e modernização social da instituição, impuseram à sua visão utilitarista de mundo um forte cambiamento e a confissão é: aquele menino cartesiano então matemático quase puro tornou-se quase humano!



Parafraseando Caetano Veloso:

**“Livros, discos, vídeos à mancheia.
E deixa que digam, que pensem,
que falem”**

Teresa Raquel Vanalli

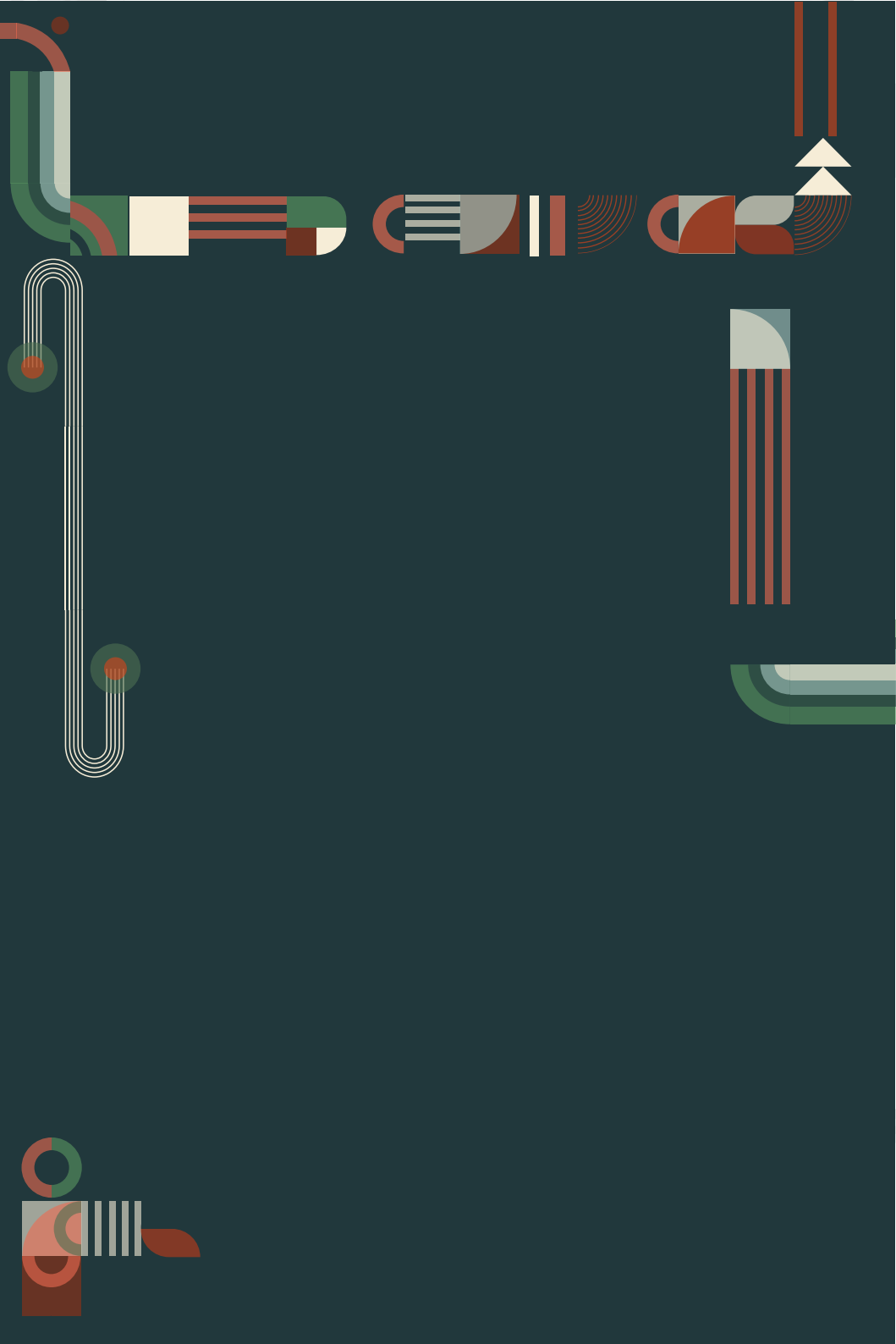
Nos corredores silenciosos da biblioteca, pairava o desejo fervoroso de uma bibliotecária visionária. Seu sonho transcendia a rotina de empréstimos e devoluções; ela ansiava por transformar aquele espaço em um caleidoscópio de possibilidades. Sua visão transcendia as barreiras físicas da biblioteca. Acreditava que este espaço poderia ser um farol de luz que iluminaria toda a comunidade. Desde os primeiros passos entre as prateleiras, ela não via apenas volumes, mas portais para o infinito saber. Sentia que seu ofício não era apenas catalogar, mas tecer conexões entre as páginas, transformando a biblioteca num espaço de troca de saberes, onde as cores do conhecimento dançariam ao ritmo das mentes curiosas. Era importante transformar a biblioteca num palco de diálogos, debates e encontro de mentes ávidas por aprendizado e cultura. Cada evento organizado logo se transformava num espetáculo de ideias. Palestras, exposições, encontros com autores, música, teatro, cinema e até circo passaram por aquele espaço. O grande sonho era que a biblioteca fosse mais do que um depósito de informações, mas um espaço de convivência, onde as possibilidades se desdobrassem a cada página virada, se transformando em um centro pulsante de troca e produção de ideias através de um cenário dinâmico de eventos culturais e científicos. Consciente da importância de uma equipe sensível e capacitada, sonhou empreender um grupo que compartilhasse não apenas habilidades técnicas, mas também, paixão pela cultura e pela educação. Cada membro da equipe não deveria ser apenas um funcionário, mas, um arquiteto na construção deste projeto de transformação da biblioteca. Juntos, buscariam não apenas cumprir a função técnica da biblioteca, mas curar uma coleção de experiências, onde cada evento representasse um convite à reflexão e ao diálogo. Essa equipe dedicada não apenas deveria acolher a comunidade usuária da biblioteca, mas também a conduziria por trilhas de aprendizado e descoberta. A importância de formar uma equipe sensível e capaz se revelaria como a essência para alavancar o projeto de transformar a biblioteca em um centro cultural de

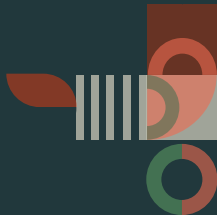
troca incessante de ideias e saberes. O apoio dos dirigentes da instituição deveria ser crucial a ponto de compreenderem a importância desse projeto, abriria portas para iniciativas culturais, garantindo recursos e reconhecimento. E assim, graças à sinergia entre uma equipe sensível, a comunidade engajada e o respaldo firme da direção da instituição, a biblioteca não seria mais somente um ponto de acesso ao conhecimento, mas o coração pulsante de uma comunidade vibrante.

E este não foi mais um sonho que se sonha só!

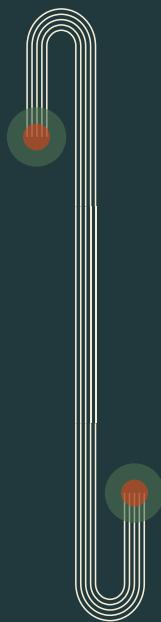
O engajamento de tantas parcerias, fez tornar o meu grande sonho uma auspiciosa realidade e a comunidade toda leu, cantou, dançou, encenou, suspirou, envolveu-se, pediu bis porque sentiu que se pode chegar ao conhecimento pelas formas mais deliciosas e envolventes!

E assim, fomos todos muito felizes!!





AUTORES



Eliane Maria Vani Ortega

Professora universitária, licenciada em Matemática pela UNESP-FCT, câmpus de Presidente Prudente, Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP-SP. Pesquisa sobre o ensino de Matemática e formação de professores que ensinam Matemática nos anos iniciais. Defende as artes como uma forma saudável e humanizadora de estar no mundo e além de praticar dança tem escrito textos literários na forma de poemas, contos e crônicas. É participante da Associação Prudentina de Escritores (APE). Tem dois livros literários publicados: Inquietude, de poesias e O tempo de Eva, de contos. Além dos livros, tem textos publicados em algumas antologias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores e nas seis edições da coletânea literária da APE (CLAPE). A autora tem participado em feiras literárias e realizado conversas e reflexões com estudantes de escolas públicas e particulares que tiveram acesso às suas obras. Leitores interessados em mais informações podem entrar em contato pelo e-mail elimarivani@gmail.com.

Emilly Sanchez Barros

Estudante do último ano do curso de Química na FCT/UNESP, natural da cidade de Tupã. Foi vencedora da primeira edição do Prêmio Carcará realizado em 2020 pela FCT/UNESP na categoria de contos, possibilitando assim sua primeira publicação.

Antes disso, todas as experiências literárias dela sempre foram apenas como leitora, sendo a escrita apenas uma tentativa de compreender o mundo e a si mesma. Quando não está ocupada fazendo crochê ou estudando Química, Emilly pode ser encontrada assistindo alguma live do streamer Alanzoka.

Felipe Andrade Farah

Formado em Direito, pós-graduado em Direito Constitucional, é músico, poeta, compositor. Participou das 6 Coletâneas Literárias da Associação Prudentina de Escritores, da qual faz parte e teve 2 poemas selecionados pelo Concurso Literário de Presidente Prudente 2018 (Clipp). Na área da música, lançou um EP intitulado “A vida é uma novela” e um álbum chamado “Noutro plano”, com músicas que passeiam pelo rock e pela MPB, abrangendo crítica, política, filosofia, amor e espiritualidade. Seu Trabalho de Conclusão de Curso está prestes a ser lançado em forma de livro, funcionando como um diálogo entre dois filósofos, Kant e Hegel, no tocante à eficácia social das normas constitucionais brasileiras. Na literatura e na música já fez poemas e músicas homenageando Erico Veríssimo e Jorge Amado, adora ler, estudar, criar, cantar, compor e tocar violão, valoriza a cultura, a educação, a arte e todas suas vertentes que extrapolam e transcendem as amarras impostas pela vida.

José Rubens Ribeiro Shirassu

Utiliza o pseudônimo de Rubens Shirassu Júnior e nasceu em Presidente Prudente, São Paulo. Há sete anos, obteve a licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Maringá (Unicesumar), Paraná. Em 1999, seu poema “Grafite Nº 2” é publicado na revista literária “Planetaria”, da Edizione Universum, de Triento, na Itália. Em 2014, por duas vezes, Antônio Abujamra, ator, diretor de teatro e apresentador de TV, interpretou seu poema “O Reino do Interno” no programa Provocações na TV Cultura, Canal 2, de São Paulo. Treze anos depois, seu poema “A Gaiola” foi publicado no portal Luís Nassif online.

Há oito anos, quatro haicais de sua autoria foram publicados no site “Arvoressencias, uma revista literária virtual produzida em Paris, na França. Seu artigo “Na ponta da língua dos escritores”, publicado na edição impressa do Jornal do Brasil, em 2016, serve de referência a tese de Doutorado “Comida – Prazeres, Gozos e Transgressões”, de Angelina Bulcão Nascimento, da Universidade Federal da Bahia (UFB). Até 2016, editou sete livros, entre os gêneros, relato de viagem, poesia, crônica, ensaio, artigo, resenha e conto.

O escritor produz uma literatura sincronizada a fotografia e a leitura de seus textos peculiares proporciona múltiplas sensações por perpassarem pelos cinco sentidos.

Endereços digitais: E-mail: shirassu@gmail.com.

Site: www.rubensshirassujr.blogspot.com.

Instagram: [rubens10.jr](https://www.instagram.com/rubens10.jr)

Julia Martinelli Pereira Santos

Estudante do curso de Licenciatura em Matemática na FCT - UNESP, Julia Martinelli Pereira Santos, nascida na cidade de Presidente Prudente - SP, em 2005, é cristã, roqueira e ávida por histórias em que possa, de maneira momentânea, desligar-se da realidade e viajar para outros mundos. Majoritariamente, as experiências literárias dela sempre foram apenas como leitora dos gêneros ficção científica, fantasia, romance, ação, terror, suspense e mistério. Porém, quando atuava como escritora amadora, seus textos, nunca publicados ou divulgados, eram caracterizados pelo afloramento das emoções humanas mais profundas, uma vez motivada pelo desejo de viver e sentir na mesma medida que suas histórias – intensamente. Instagram: [@jujuba_martinelli](https://www.instagram.com/jujuba_martinelli).

Lúcia Iaciara da Silva

Estudou Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, Câmpus de Presidente Prudente, iniciando em 2010. Pouco tempo depois fez também na mesma instituição seu Mestrado. Na maior parte de sua carreira profissional atuou como professora no Ensino Fundamental, em Geografia e História, na rede pública municipal.

Desde a adolescência, sobretudo, gostava de rascunhar poesias, a grande maioria inacabada ou descartada. Via isso como forma de suprir sua necessidade de se expressar, tanto do seu emocional particular, mas também com relação à sociedade em que vivemos.

Endereço de e-mail: luciaiaciaradasilva@gmail.com

Marcio Roberto Pereira

Professor universitário na FCL-UNESP-Assis. Ministra as disciplinas de Poesia Portuguesa e Narrativa Portuguesa. É vegano. Acredita que num mundo que se mate a fome e não os animais. Contato: marcio.pereira@UNESP.br

Maria Clara Rodrigues de Souza

Aluna de graduação em geografia, na FCT UNESP, Maria Clara Rodrigues de Souza, nasceu numa cidade tranquila e muito pequena, Álvares Machado, localizada no interior de São Paulo, e cidade vizinha de Presidente Prudente; Sempre viu a leitura como um lugar seguro, onde a mente se acalma e os sentimentos se organizam.

Escritora amadora, gosta de se expressar em pequenos contos, poemas e frases, mas nunca publicou algum oficialmen-

te até esta oportunidade do “Concurso Literário Prêmio Carcará”. Seu passatempo preferido é assistir filmes e séries, sobretudo de romances e histórias de aventura, que se passam naquelas paisagens lindas. Um gênero literário favorito com certeza é o romance (gosta de sentir as emoções dos personagens, tipo quando os caminhos se cruzam e eles interagem pela primeira vez, um já interessado e o outro totalmente sem interesse, mas que durante a história, lentamente se apaixonam- é incrível); Também gosta de livros de distopia, ficção científica, histórias sobre teorias de um futuro não muito agradável.

Atualmente, participa de um grupo de pesquisas sobre a geografia dos movimentos sociais, o NERA, e possui um profundo interesse pelo estudo das paisagens desiguais urbanas e dos conflitos na e/ou pela cidade.

Para conhecer a autora um pouco mais acompanhe o seu instagram, @maria_szarodrigues.

Maria Júlia Marega Postinguel

Graduanda de Fisioterapia na FCT-UNESP de Presidente Prudente, nasceu no dia 28 de maio de 2002 em Tupi Paulista, interior de São Paulo, porém cresceu e mora na cidade de Monte Castelo.

Desde sempre foi apaixonada por leitura e livros de romance, tendo como apoio seus pais e professores, que sempre a incentivaram. Ainda não possui obras publicadas, porém o seu maior sonho é publicar seu livro de romance que está em andamento a alguns anos.

Nascida e criada no interior, sempre gostou de estar na natureza e de passar seu tempo curtindo a companhia de amigos e familiares. Também dedica suas horas a sua fé católica. Ela ama comer e contar piadas, sempre tentando ao máximo deixar todos felizes.

A faculdade de fisioterapia a fez ver o mundo com outros olhos, e a amadurecer, porém seu sonho de ser escritora segue vivo e ardente dentro de seu coração.

E-mail: majupostinguel@gmail.com

Instagram: [mariajulia__mp](#)

Maria Letícia Mantovani Alves

Estudante de Pedagogia no Campus de Presidente Prudente, reside em Martinópolis.

Filha de dois professores formados pela UNESP, sempre teve contato com o mundo literário, a ponto de alfabetizar-se aos quatro anos, lendo gibis da Turma da Mônica.

Escritora desde sempre, ganhou concursos de redação no Ensino Fundamental e ficou a vinte pontos de gabaritar a redação do Enem no segundo ano do Ensino Médio, tamanho seu amor pela leitura e escrita.

Amante de livros, seu gênero favorito é terror e horror; no entanto, inspira-se em sua vivência como estudante, filha e defensora da educação. Ama crônicas e contos.

Tem o sonho de publicar livros, ser uma professora inspiradora e conquistar o mundo por meio da educação.

Para mais informações, o contato por e-mail é leticia.mantovani@UNESP.br e seu Instagram é [@marialeticiamantovani](#).

Messias Meneguette Junior

Amante da leitura, poesia e evolução dos conceitos filosóficos, Messias Meneguette Junior foi estimulado a um novo caminho em que sua crônica “...quase humano” pode se transformar em um importante ponto de luz. Sua laboração da escrita sempre esteve ligada a artigos científicos e livros didáticos publicados

pela Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional – SBMAC (foram 4) e pela Sociedade Brasileira de Matemática – SBM (1), nos quais fica patente o esforço em tornar fáceis e motivadores os conceitos um tanto quanto áridos da área; lampejos de certa inclinação literária.

Apaixonado e curioso por todas as manifestações de vida, está sempre aprendendo com a natureza. Como é bela a natureza! As árvores ocupam lugar de destaque nessa admiração; a arquitetura das folhas define e diferencia as famílias. Seria muito bom conviver com as árvores sabendo suas características e singularidades familiares.

Nicole Christina Souza

Foi autora de muitos poemas ao longo de sua vida, mas eles não passavam de quadro paredes, até chegar na faculdade onde por influência de seus amigos e colegas resolveu participar do Prêmio Carcará 2023, então reuniu coragem e escreveu um poema referente a essa faculdade, FCT UNESP de Presidente Prudente, dando vida ao poema Ventos do oeste, onde retrata a sua jornada na universidade, como a universidade a fez crescer, como que de tão longe ela pode estar em uma universidade de excelência e poder viver cada momento daquele.

Uma escritora por hobby, uma pequena escritora que acabou de acabar de alcançar algo grande, que espera alcançar mais e isto só o tempo vai nos dizer.

Paulo Roberto Brancatti

Professor da Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente. Tem vários textos literários publicados em Coletâneas de autores, inclusive na edição do Prêmio Carcará,

“Pelas Janelas”, realizado pela FCT/UNESP de Presidente Prudente, em 2021. Além desses textos, é autor da obra: “Utopia de um jovem adolescente”, de 2012. É membro da APE, Associação Prudentina de Escritores, que organiza um Sarau mensal e publica um livro literário anualmente reunindo os diversos autores de Presidente Prudente e Região.

Raul Antonio Fragoso Neto

Cristão evangélico, graduado como bacharel e licenciado em Ciências Biológicas, mestre e doutor em Anatomia pelo Instituto de Biociências da UNESP, Campus de Botucatu. Nascido em 09 de novembro de 1958 na capital do Estado de São Paulo, ingressou como Auxiliar de Ensino na FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente em 14 de outubro de 1991, sendo contratado em 1994 como Professor Assistente Doutor e, um ano mais tarde, concursado novamente como docente pesquisador, efetivo e autárquico na mesma Faculdade, junto ao Departamento de Fisioterapia. Atualmente, realiza pesquisas, atividades didáticas e administrativas voltadas ao ensino e aprendizagem da Anatomia, tendo desenvolvido diversas outras ligadas à música como compositor e instrumentista, ao desenho, modelagem, pintura e literatura. É casado há 25 anos com Ilza Maria dos Santos Fragoso, tem dois filhos (Isabel e Rafael dos Santos Fragoso) e participa na presente edição do Concurso Carcará pela terceira vez. Email institucional para contato: raul.fragoso@UNESP.br e informações adicionais estão no endereço de seu CV: <http://lattes.cnpq.br/9000303009545712>.

Solange Moura Lima de Aragão

Arquiteta, urbanista, mestre e doutora pela FAU-USP e professora da FCT-UNESP. Possui vários livros de sua autoria, dos quais se destacam seu Ensaio sobre o jardim (Global, 2008), que recebeu o Prêmio Nacional de Ensaaios da Fundação Gilberto Freyre em 2007, o Ensaio sobre a casa brasileira, publicado pela editora Edgard Blucher no formato open access em 2017, e a obra No interior do quarteirão - um estudo sobre as vilas da cidade de São Paulo, com sua primeira edição pela Annablume em 2010. Recebeu também uma menção honrosa pelo texto intitulado “O tom da arquitetura brasileira” no Concurso Público Nacional 500 Anos, promovido pelo CONFEA, em 1999. Dentre os diversos artigos que escreveu, um dos mais importantes é “A construção de um paradigma: o nacional nas artes, na literatura, na arquitetura e na paisagem brasileira do século XIX”, publicado pela Revista XIX: artes e técnicas em transformação em 2014.

Suzany Cristina Vicente da Silva

Suzany Vicente (1998), interior de São Paulo, instigada a escrever pela vivência lésbica, está na procura por espaços, já publicou em algumas revistas eletrônicas como Ruído Manifesto e Mallarmargens, no Zine Festival Audre Lorde da Cachalote Publicações, também publicou pelo Selo Off Flip 2023 na categoria conto, e está no lançamento Coletânea “Erótica: Versos Lésbicos”, selo Cassias Imperiais, Editora Tucum.

Teresa Raquel Vanalli

Bibliotecária aposentada cuja carreira foi marcada por suas contribuições para a promoção da cultura, da ciência e da educação. Graduada em Biblioteconomia, Teresa Raquel iniciou sua trajetória profissional em 1989, quando ingressou na Biblioteca Pública de Álvaro de Carvalho e logo depois, passou a trabalhar na Biblioteca Pública de Marília, onde permaneceu até 1994. Neste mesmo ano, ingressou na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Câmpus de Bauru. Em 2012, passa a atuar como Diretora da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Presidente Prudente até se aposentar em 2023. Além de suas atividades como bibliotecária, Teresa Raquel também é reconhecida por suas contribuições acadêmicas. Ao longo de sua carreira, ela publicou diversos artigos e trabalhos científicos em revistas especializadas da área de biblioteconomia. Suas publicações científicas refletem seu compromisso com a pesquisa e sua busca por melhorias na área.

Este é seu primeiro texto literário e é resultado do convite feito pelos organizadores do Prêmio Carcará do qual Teresa Raquel teve a honra de participar como organizadora da primeira edição.

Tiago Rafael dos Santos Alves

Graduado em História, Pedagogia e Gestão Ambiental, é pós-graduado em Libras, Maçonologia, Educação em Direitos Humanos, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho e Currículo e Prática docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Mestre pelo PPGG-MP da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP. Professor da Rede Estadual de São Paulo e da Fa-

culdade de Direito da Alta Paulista (FADAP) em Tupã-SP. Autor do livro: Breves ensaios sobre a história de Adamantina, A4 e Breve História de Flórida Paulista. Também participa de diversas coletâneas de poesias, contos e crônicas. É Membro correspondente da Academia Caratinguense de Letras, Academia Maçônica de Letras de Juiz de Fora, Confraria Maçons em Reflexão e Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras.

Vítor Luciano Iwahara Silva

Nascido no dia 24 de janeiro de 2005 na cidade de Rancharia, interior de São Paulo. Sempre frequentou escolas públicas, onde em algumas oportunidades recebeu premiações em olimpíadas e concursos na área da matemática, destacando o 3º lugar em uma olimpíada de matemática entre alunos do seu município e região.

Atualmente cursa matemática na UNESP-FCT, essa é a sua primeira publicação, anteriormente sua relação com o mundo dos livros era apenas a de leitor.

Em suas horas livres gosta de ouvir música, jogar, assistir filmes e tocar violão e bateria.

Vitor Rodrigues Blanco

Estudante de Arquitetura e Urbanismo na FCT-UNESP desde 2020. Desde sempre um grande apreciador das paisagens naturais e humanas, escolheu o curso de Arquitetura por sintetizar tudo aquilo que sempre contemplou. A poesia surge na sua vida aos 16 anos, na vontade de fazer alguma coisa além de pensar na sua própria contemplação, e criar algo autêntico. Desde então, Vitor tem dois de seus poemas publicados pelo prêmio Carcará, sua única publicação oficial. E, mais três livretos de poesias, publicados no site Wattpad.



ANOS DA FCT: A MINHA, A SUA E A NOSSA HISTÓRIA

Nesta terceira edição, o concurso celebrou a história e a essência da FCT em seus 65 anos de funcionamento. Os membros da comunidade acadêmica e de Presidente Prudente e região puderam compartilhar suas vivências e perspectivas. Ao reunir essas experiências e imortalizá-las em um livro, estamos fortalecendo os laços com a nossa comunidade, reafirmando o valor de cada indivíduo nesse trajeto compartilhado, preservando a memória e criando um legado que reflete o impacto duradouro da instituição em nossas vidas.



REPOSITÓRIO
INSTITUCIONAL
DA UNESP

